

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
CAPÍTULO IV – Pluralidade das existências

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Da Reencarnação	O Livro dos Espíritos	03
Objetivo da Reencarnação	O Consolador	14
As provas da Reencarnação	O Consolador	17
II – Justiça da Reencarnação	O Livro dos Espíritos	03
Os Fundamentos da Justiça da Reencarnação	O Consolador	19
A Reencarnação é uma lei de amor	O Consolador	21
III – Encarnação nos diferentes mundos	O Livro dos Espíritos	04
Encarnação nos diferentes Mundos	O Consolador	23
Diferentes categorias de Mundos Habitados	O Consolador	25
IV – Transmigração progressiva	O Livro dos Espíritos	07
O Primordial “Nascer de novo”: a reencarnação	O Consolador	27
O Espiritismo e a metempsicose	O Consolador	30
V – Sorte das crianças após a morte	O Livro dos Espíritos	09
Espíritos errantes: sorte das crianças após a morte	O Consolador	32
VI – Sexo nos Espíritos	O Livro dos Espíritos	10
Sexo nos Espíritos: O pensamento de Kardec	O Consolador	34
A homossexualidade na visão Espírita	O Consolador	36
VII – Parentesco, filiação	O Livro dos Espíritos	10
Lei da sociedade	O Consolador	40
Vida em família e laços de parentesco	O Consolador	41
VIII – Semelhanças físicas e morais	O Livro dos Espíritos	11
O Livro dos Espíritos	O Consolador	43
IX – Ideias inatas	O Livro dos Espíritos	13
O Porquê da Vida	O Consolador	44
O que é o Espiritismo	O Consolador	46

Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos

Capítulo IV – Pluralidade das existências

I – DA REENCARNAÇÃO

166. Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?

“Sofrendo a prova de uma nova existência.”

A) — Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?

“Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.”

B) — A alma passa então por muitas existências corporais?

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles.”

C) — Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?

“Evidentemente.”

167. Qual o fim objetivado com a reencarnação?

“Expição, melhoramento progressivo da Humanidade.

Sem isto, onde a justiça?”

168. É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?

“A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal.”

169. É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos?

“Não; aquele que caminha depressa, a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito.”

170. O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?

“Espírito bem-aventurado; puro Espírito.”

Crônicas e Artigos

247 – 12/02/2012

O Consolador – (Alessandro Viana Vieira de Paula)

I. A Reencarnação

Objetivos da Reencarnação

O Espiritismo nos ensina que a reencarnação é uma lei divina que visa o nosso crescimento espiritual através do próprio esforço, na medida em que nos permite, a cada vida no corpo físico, amear novas conquistas ao patrimônio do Espírito imortal que somos.

Por essa razão, Jesus orienta ao Doutor da Lei, Nicodemos, que é necessário nascer de novo para alcançar a vida eterna, o reino dos céus, que é o símbolo da consciência em paz pelos deveres retamente cumpridos, que nos trazem imensa alegria de viver a gerar nossa plenitude interior.

Não obstante a crença na reencarnação, muitos espíritas e simpatizantes do Espiritismo formulam as seguintes perguntas:

- 1) O que nos cabe fazer na atual existência física?
- 2) Como saber se estamos aproveitando, do ponto de vista espiritual, a oportunidade divina de estar reencarnados?

Para nos ajudar a refletir sobre essas questões, trago à baila cinco pontos importantes a serem observados na atual reencarnação, que nos ajudarão a aproveitar com mais intensidade as oportunidades de progresso inerentes à vida física.

Obviamente que esses cinco tópicos não esgotam a finalidade da reencarnação, porque certamente haverá outras questões de cunho pessoal, íntimo, correlacionadas à evolução individual de cada Espírito, tendo em vista as escolhas e ações consumadas em vidas passadas.

As principais metas da reencarnação são:

1) **Reparar equívocos do passado:**

Sabemos que o planeta Terra é um mundo de prova e expiação. Expiar significa retificar os erros. Naturalmente, com a reencarnação, há o esquecimento do passado, de tal sorte que, via de regra, não lembramos das ações infelizes de outrora, mas deveremos enfrentar com equilíbrio e paciência as situações adversas da atualidade, pois muitas delas surgem como quadros expiatórios.

Doenças, mudanças econômicas, relacionamentos pessoais conturbados, lutas na área afetiva, familiar e profissional, poderão se apresentar como ocorrências expiatórias. Graças à misericórdia divina estamos tendo a oportunidade de quitar as nossas pendências espirituais, em razão da incidência da lei de causa e efeito.

Com o hábito da oração e da meditação, poderemos receber inspirações dos benfeitores espirituais, nas quais teremos acesso às lembranças de vidas transatas, que nos explicarão o porquê de algumas aflições atuais, todavia, tais recordações não são imprescindíveis para a vivência equilibrada da expiação.

Lembremos, ainda, que o amor que praticamos em favor do próximo e da vida será ponto positivo na nossa contabilidade divina, a minimizar ou anular o erro do passado.

Algumas situações expiatórias são decorrentes de condutas desequilibradas ou abusivas da atual reencarnação, portanto, sempre que possível, após uma ação infeliz, procuremos reparar o mal causado. Não precisamos ficar aguardando a incidência da lei de ação e reação como o criminoso que espera a punição, pois as leis divinas não são punitivas e visam a nossa reeducação espiritual.

2) **Evolução intelectual:**

O Espírito encarnado necessita buscar todo o conhecimento que está ao seu alcance, a fim de que possa compreender as leis materiais e morais que regem a sua vida.

Atualmente, com as ferramentas virtuais, como, por exemplo, o Google, podemos ter acesso a informações úteis. Podemos e devemos ter noções básicas de física, química, biologia, psicologia, matemática, etc., para entendermos algumas ocorrências comuns da vida.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

Devemos estudar a língua portuguesa, a fim de aprimorar a nossa fala e escrita, e, havendo tempo disponível, podemos iniciar o estudo de outras línguas.

Vamos percebendo que a evolução intelectual não abrange apenas o estudo das obras espíritas, mas temos que nos enriquecer de cultura e conhecimentos variados, que nos ajudarão nesta e em futuras reencarnações.

Todo conhecimento adquirido é patrimônio inalienável do Espírito, de forma que levaremos as aptidões para as próximas reencarnações. Quantos não possuem facilidade de aprendizado e compreensão para algumas áreas do conhecimento, certamente são Espíritos que já estudaram essas matérias em vidas pretéritas, ao passo que outros revelam extrema dificuldade de entender alguns assuntos, porque nunca tiveram a oportunidade de estudá-los.

Como espíritas, também devemos ler e estudar as obras do Espiritismo, com o escopo de ampliar o nosso entendimento sobre as leis divinas e morais, a fomentar o nosso crescimento espiritual.

Infelizmente, muitos de nós somos preguiçosos para a leitura e desperdiçamos o tempo com coisas inúteis.

Busquemos a boa leitura, a conversa edificante e os programas de televisão mais educativos, o que nos propiciará aprendizados nobres a melhorar a nossa vida na Terra.

3) Aprimoramento dos sentimentos:

O sentido da vida é a busca do amor nas suas expressões mais elevadas, que são as virtudes.

Dessa forma, temos que desenvolver a paciência, a humildade, o perdão, a compaixão, a resignação, o otimismo, a alegria de viver, a caridade, etc., que estão latentes em nosso mundo íntimo, já que trazemos as potencialidades divinas em germe, porque somos filhos de Deus, destinados à plenitude.

Cabe a cada de nós a tarefa diária de nos observar nas relações sociais, profissionais e familiares, a fim de notarmos quais as virtudes que já temos e que necessitam de reforço, e quais ainda não possuímos e deveremos nos esforçar para desenvolvê-las.

Obviamente que as conquistas morais exigem muitos mais dedicação e perseverança do que as intelectuais. Para aprender determinado conceito de matemática, basta a leitura e alguns exercícios, mas para perdoar será necessário muito mais tempo e persistência, porque lidar com as nossas emoções é algo mais complexo e profundo.

Mostra-se impossível adquirir todas as virtudes numa única vida física, por isso Deus criou a lei da reencarnação, portanto, tenhamos paciência (que já é uma virtude) para as conquistas nessa área, mas não acomodemos. Quanto maior a nossa dedicação, mais rápido veremos os resultados.

Notemos quais são as nossas maiores carências e limitações morais, normalmente impulsionadas pelo egoísmo e o orgulho, e busquemos superá-las através da conquista da respectiva virtude. Por exemplo, se somos irritadiços, esforcemo-nos para ter calma, se ainda gostamos de atritos, busquemos a pacificação interior, se o egoísmo domina as nossas ações, reflitamos sobre a importância da solidariedade.

Anote-se que as nossas carências morais se mostrarão com mais intensidade na convivência familiar, uma vez que, longe do verniz social, mostramos verdadeiramente como somos.

A última etapa para a consolidação de uma virtude é enfrentar a denominada “prova”, quando vivemos situações extremamente adversas e temos que manter uma conduta elevada. Não basta ser bom quando tudo está fácil e ninguém nos contraria. Provaremos que somos Espíritos amorosos, pacientes, humildes, quando vivermos com pessoas difíceis, egoístas, mal-educadas, e, mesmo assim, mantivermos uma conduta genuinamente cristã.

Eduquemos os nossos sentimentos, para que a nossa vida seja mais plena e feliz.

4) Superação de conflitos:

Em nosso estágio evolutivo é comum a vivência de situações e emoções mal resolvidas ou traumáticas, fazendo surgir os denominados conflitos psicológicos.

Temos alguns que são mais comuns, tais como, a ansiedade perturbadora, a depressão, a insegurança, o vazio existencial, a síndrome de pânico, os medos, as dependências químicas, etc.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

Cabe-nos a tarefa de identificar a possível existência de um ou mais conflitos, oriundos desta ou de vidas passadas, sendo que em casos mais complexos, certamente poderemos buscar a ajuda de profissionais especializados da psicologia e da psiquiatria.

A benfeitora espiritual Joanna de Ângelis é autora de diversos livros de cunho psicológico (conhecido como “série psicológica”), dentre eles destacamos a obra “Conflito Existencial”, onde ela nos ajuda a diagnosticar a presença dos conflitos e apresenta-nos a terapêutica à luz do evangelho e do Espiritismo.

A meditação, o autoconhecimento e a oração nos auxiliarão na identificação e na solução desses desconfortos emocionais.

5) Ser útil no meio social:

A citada benfeitora afirma que o cristão deve ser ativo na sociedade em que se movimenta, o que significa dizer que temos que ser úteis no meio em que vivemos.

À medida que o evangelho ilumina-nos interiormente, sentimos necessidade de compartilhar o amor com as demais pessoas.

Esse desejo de ser útil impulsiona-nos a realizar tarefas edificantes na rua em que moramos, no bairro em que vivemos e no meio social que frequentamos.

Poderemos participar de uma associação de moradores de determinado bairro, com a finalidade de buscar pacificamente melhorias para todos (construção de creches, escolas, reparos na via pública,).

Temos a possibilidade de criar uma Organização Não-Governamental, com a meta difundir o bem, a paz, através de campanhas organizadas, ou poderemos trabalhar voluntariamente nas entidades que cuidam de animais desamparados, do meio ambiente, enfim, as possibilidades de cooperar com o meio em que vivemos é ampla e variada, basta a boa vontade de sermos verdadeiros cristãos.

Diante de todo o exposto, vemos que a reencarnação à luz do Espiritismo é bendita concessão divina, que nos permite o crescimento intelecto moral, a fim de que a inteligência guiada pelo amor possa nos conduzir na direção do Pai da Vida. Aproveitemos o tempo e as oportunidades, que também são dádivas divinas.

As provas da reencarnação

A regressão de memória é uma das provas da reencarnação

1. As evidências de que a reencarnação é um fato baseiam-se essencialmente no seguinte:

I. Na regressão da memória às existências passadas, que pode efetuar-se por força de sugestão ou da recordação espontânea de existências anteriores, sem que se identifique uma causa que a justifique. Neste último caso, a recordação pode dar-se tanto no sono comum como no estado de vigília, como os casos pesquisados, entre outros, pelos professores H. N. Banerjee e Ian Stevenson (1).

II. Na revelação obtida por meio da mediunidade, em que Espíritos transmitem revelações sobre existências anteriores próprias ou de terceiros.

III. No fato das ideias inatas e da existência dos meninos prodígios, assunto que continua a abalar as bases científicas da hereditariedade.

2. Secundariamente, não como prova de sua existência, mas como indício óbvio de sua antiguidade no pensamento humano, a reencarnação é também ensinada por diversas escolas religiosas – notadamente as orientais – e filosóficas. Pitágoras, por exemplo, foi um dos seus defensores mais ardorosos.

3. Alguns fatos registrados nos anais da história merecem ser aqui lembrados, por constituírem testemunhos importantes em favor da realidade da reencarnação:

·Juliano, o Apóstata, lembrava-se de ter sido Alexandre da Macedônia.

·O poeta Lamartine declara em sua “Viagem ao Oriente” ter tido reminiscências muito claras de suas existências passadas.

·O escritor francês Mery recordava-se de ter combatido na guerra das Gálias e também na Alemanha, quando então se chamara Minius.

·O sensitivo Edgar Cayce, em transe mediúnico, revelava fatos de existências anteriores das pessoas que o procuravam e dele mesmo. Cayce afirma que numa existência imediatamente anterior fora John Bainbridge, nascido nas Ilhas Britânicas em 1742.

A reencarnação é também provada pelas revelações Espíritas

4. Pela regressão da memória obtida tanto por meio da hipnose, como pela simples sugestão, método que é usado largamente por terapeutas diversos, têm sido obtidas grandes e numerosas evidências da reencarnação.

5. O psiquiatra inglês Denys Kelsey relata em seu livro “Muitas Existências”, escrito em parceria com sua esposa, o caso de um cliente, profissional liberal de meia-idade, afligido por persistente e invencível inclinação homossexual. Depois de aplicar os métodos clássicos da psicanálise, sem nenhum resultado, numa sessão de hipnose, já pela décima quarta consulta, o paciente começou a descrever episódios de uma existência vivida entre os hititas (2), quando, na qualidade de esposa de um dos chefes da época, acostumada ao luxo, exercera grande poder sobre o marido. Quando a beleza física se foi e o marido deixou de interessar-se por ela, o choque emocional foi muito forte para a sua natureza apaixonada. Tentando atrair terríveis malefícios sobre seu esposo, ela pediu a um sacerdote de Baal que o amaldiçoasse; mas acabou assassinada, levando para o Além toda a frustração da sua humilhante posição de esposa orgulhosa e desprezada. Ao que parece, deduziu o Dr. Kelsey, o episódio estava repercutindo na existência atual, na qual a mesma pessoa experimentava inclinação homossexual.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

6. Como exemplos de provas da reencarnação por meio de ditados mediúnicos, Gabriel Delanne, em seu livro “A Reencarnação”, cita vários casos. Eis um deles, que lhe foi relatado pelo Sr. E. B. de Reyle, por meio de uma carta: “Em agosto de 1886, fizemos uma sessão de evocação, no curso da qual se apresentou, a princípio pela tiplogia, e depois, a nosso pedido, pela escrita medianímica, uma entidade que meus pais perderam, ainda de pouca idade. Assegurava esperar, para reencarnar-se, o nascimento do meu primeiro filho, especificando que seria rapaz e viria dentro de 18 meses. Não se esperava uma criança. Ora, em fevereiro de 1888, nascia o nosso filho mais velho, que recebeu o nome de Allan, na data prevista, com o sexo predito”.

A doutrina da reencarnação estimula o progresso coletivo e individual

7. Allan Kardec perguntou aos Espíritos Superiores: “Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc.?” Os Espíritos responderam: “Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. Donde queres que venham tais conhecimentos? O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupagem”. Nessa citação encontramos mais uma prova da reencarnação: a das ideias inatas. A História nos revela inúmeros exemplos de gênios, de sábios, de homens valorosos cujos pais, ou mesmo seus filhos, não foram grandiosos como eles.

8. Alguns desses Espíritos foram na Terra o que costumamos chamar de meninos prodígios, cujo talento conseguiu pôr em dúvida as leis da hereditariedade. Evidentemente, o Espiritismo não nega a hereditariedade física ou genésica, mas repele a ideia de que exista uma herança moral ou intelectual transmissível de pais para filhos. De fato, sabemos que vários sábios nasceram em meios obscuros, como é o caso de Augusto Comte, Espinosa, Kleper, Kant, Bacon, Young, Claude Bernard etc., enquanto homens de valor tiveram como descendentes pessoas comuns ou mesmo medíocres. Péricles, por exemplo, procriou dois tolos. Sócrates e Temístocles tiveram filhos indignos de seus nomes, e os exemplos não param por aí, porque são muitos e conhecidos.

9. Ante as provas mencionadas, a tese da reencarnação mostra ser uma doutrina renovadora, porque estimula o progresso individual e, conseqüentemente, o coletivo. A reencarnação revela-nos o que fomos, o que somos e o que seremos, e constitui o instrumento por excelência da lei do progresso e da aplicação da lei de causa e efeito.

10. A doutrina das vidas sucessivas – ao contrário da crença de que somos condenados a uma pena eterna depois de uma única oportunidade na vida – satisfaz, pois, todas as aspirações de nossa alma, que exige uma explicação lógica do problema do destino. E, o que é inegavelmente mais importante, ela se concilia perfeitamente com a ideia de que existe uma Providência divina, ao mesmo tempo justa e boa, que não pune nossas faltas com suplícios eternos, mas que nos enseja, a cada instante, o poder de reparar nossos erros, elevando-nos na escala evolutiva, graças aos nossos próprios esforços.

(1) Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia (EUA), autor do livro “Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação”, relata nessa obra experiências de pessoas que recordam espontaneamente episódios de existências anteriores, espécie de fenômenos a que se deu o nome de “memória extracerebral”.

(2) Os hititas habitaram a Síria setentrional por volta de 1900 a.C.

II – JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO

171. Em que se funda o dogma da reencarnação?

“Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se?

Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.

Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

O homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a ideia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência.

Os fundamentos da justiça da reencarnação

A unicidade das existências é injusta e ilógica

1. A reencarnação se baseia nos princípios da misericórdia e da justiça de Deus:

·Na **misericórdia divina** porque, assim como o bom pai deixa sempre uma porta aberta a seus filhos faltosos, facultando-lhes a reabilitação, também Deus – por intermédio das vidas sucessivas – dá oportunidade para que os homens possam corrigir-se, evoluir e merecer o pleno gozo de uma felicidade duradoura.

·Na **justiça divina** porque os erros cometidos e os males infligidos ao próximo devem ser reparados em novas existências, a fim de que, experimentando os mesmos sofrimentos, os homens possam resgatar seus débitos e conquistar, assim, o direito de ser felizes.

2. A unicidade das existências é injusta e ilógica, pois não atende às sábias leis do progresso espiritual:

·É **injusta** porque grande parte dos erros humanos é resultante da ignorância e, numa única existência, não nos é possível o resgate dos nossos erros, principalmente quando o arrependimento nos sobrevém quase no findar da existência. É preciso dar oportunidades ao arrependido, para que ele comprove sua sinceridade por meio das necessárias reparações.

·É **ilógica** porque não pode explicar as gritantes diferenças de aptidões das criaturas humanas desde a infância, as ideias inatas e os instintos precoces, bons ou maus, independentemente do meio em que a pessoa tenha nascido.

3. As reencarnações representam para as criaturas imperfeitas valiosas oportunidades de resgate e de progresso espiritual.

4. Rejeitando-se a doutrina da reencarnação, perguntar-se-ia inutilmente por que certos homens possuem talento, sentimentos nobres, aspirações elevadas, enquanto muitos outros só tiveram em partilha tolices, paixões e instintos grosseiros.

A reencarnação nos permite compreender as diferenças sociais

5. A influência dos meios, a hereditariedade, as diferenças de educação – como todos sabem – não bastam para explicar essas e outras anomalias que deparamos no contexto social, porque temos visto membros de uma mesma família semelhantes pela carne e pelo sangue, e educados nos mesmos princípios, diferencem em inúmeros pontos.

6. Personagens célebres e estimados têm descendido de pais obscuros destituídos até mesmo de valor moral, e o oposto também se tem visto, ou seja, filhos inteiramente depravados nascerem de pais honrados e respeitáveis.

7. Por que para uns vem a fortuna, a felicidade constante, e para outros a miséria, a desgraça inevitável? Por que a uns é concedida a força, a saúde, a beleza, enquanto outros se debatem com as doenças e a fealdade? Por que a inteligência e o gênio aqui, e acolá a imbecilidade? Por que existem raças tão diversas? E umas são tão atrasadas que parecem mais próximas da animalidade do que da humanidade! Por que pessoas nascem enfermas, cegas, com retardo mental, deficiências físicas ou deformidades morais, que parecem desmentir a bondade de Deus? Por que uns morrem ainda no berço, outros na mocidade, enquanto muitos só deixam o palco terreno na decrepitude? Donde vêm os meninos prodígios e os superdotados, enquanto pessoas há que não deixam a mediocridade nem mesmo quando se tornam adultas?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

8. Questões dessa ordem podem ser multiplicadas ao infinito, tratando não só de nossa situação presente, mas também do passado e do que nos aguarda no futuro. Sem a admissão da reencarnação, não se compreende, por exemplo, que futuro estará reservado a um canibal logo que finda sua existência corporal. Se for para o céu, que é que fará ali? Se for condenado ao inferno, por que aplicar uma pena tão dura a um ser tão primitivo? E os bebês, para onde irão depois da morte corpórea? Crescerão em sua nova morada? Aprenderão a ler, progredirão, ou ficarão estacionados para sempre na condição de bebês?

A metempsicose é um equívoco que o Espiritismo não admite

9. A reencarnação é o instrumento que o Criador nos concede para atingirmos a meta da nossa evolução, do nosso progresso individual e do mundo em que vivemos. Não se deve, contudo, confundir-la com a metempsicose, porque a reencarnação da criatura humana só se dá na espécie humana, enquanto a doutrina da metempsicose, que o Espiritismo não aceita em nenhuma hipótese, admite a retrogradação, ou seja, a encarnação da alma humana em corpos de animais e vice-versa.

10. A Doutrina Espírita é, no tocante a esse assunto, bastante precisa: o homem pode estacionar, mas nunca retroceder na sua caminhada rumo à perfeição. A doutrina da reencarnação, tal como ensinada pelo Espiritismo, se funda na marcha ascendente da Natureza e no progresso do homem, dentro de sua própria espécie. Ele pode, numa existência futura, renascer em um meio mais humilde, mais singelo, menos dotado de recursos materiais, mas será sempre ele mesmo, com a inteligência e as virtudes adquiridas ao longo do tempo por seu Espírito.

11. A doutrina da metempsicose, embora constitua um equívoco, tem sua origem num fato verdadeiro, que é a passagem da alma, em seu processo evolutivo, pelos reinos inferiores da Natureza. Nesse processo, a alma humana um dia passou pelo reino animal, mas a ele não voltará mais, porque faz parte agora da humanidade – o chamado reino hominal – e não existe nenhuma possibilidade de reencarnar em corpos de criaturas pertencentes aos reinos inferiores àquele em que hoje se encontra.

12. O Espírito só chega ao período de humanidade depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação, como é ensinado na obra de Kardec, de Delanne e de André Luiz. (Leia-se a respeito desse tema o livro “Evolução em Dois Mundos”, de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, bem como “A Evolução Anímica”, de Gabriel Delanne.)

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 222 e 613.)

Denis Léon, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, (págs. 164 e 165.)

Denis Léon, Depois da Morte, (págs. 134 e 135.)

Delanne Gabriel, A Evolução Anímica.

André Luiz, Evolução em Dois Mundos, (psicografia Chico Xavier), (págs. 35, 36, 52 e 53.)

Crônicas e Artigos

231 – 16/10/2011

O Consolador – (Édo Mariani)

II. Justiça da Reencarnação

A reencarnação é uma lei de amor

Quando Jesus afirmou a Nicodemos ser preciso nascer de novo, Ele nada mais fez do que confirmar uma lei divina, e também mostrar aos homens que Deus, sendo Pai de Amor e Justiça, não poderia condenar seus filhos pelas faltas cometidas sem lhes dar oportunidade de reparação, uma vez que todos nós fomos criados simples e imperfeitos.

Concedeu-nos o livre-arbítrio e através da liberdade somos livres para escolher o que melhor desejamos para a nossa felicidade. Ora, quem tem liberdade de escolha, tanto pode acertar, como errar. Não há, por essa razão, qualquer punição, por parte de Deus, pelas nossas escolhas, pois, afinal, Ele nos concedeu o livre-arbítrio. Segundo a ótica espírita, as escolhas não acarretam punição, mas aquisição de experiências e conhecimentos.

A Equipe de Redação do Momento Espírita, com base em palestra proferida por José Raul Teixeira, na cidade de Cascavel-PR, no dia 14/09/01, elaborou o texto que transcrevemos, uma vez que demonstra de forma lógica a justiça da Reencarnação.

“As leis divinas são perfeitas em seus objetivos de nos fazer gravitar para Deus.

“Cada existência no corpo físico é oportunidade bendita de aprendizado e crescimento.

Na escola, chamada Terra, estagiamos em todos os continentes, dentro do seio das várias raças, experimentando os mais variados costumes sociais.

“Quando nascemos em um lar brasileiro, aprendemos as lições de vida que o Brasil nos propicia. Temos a liberdade religiosa, liberdade de expressão, liberdade no vestir, na escolha da profissão.

“Aprendemos a ser solidários, a ser um povo gentil, alegre, vivendo num país banhado pelo oceano e ensolarado quase o ano inteiro.

“Numa outra encarnação, as leis divinas nos conduzem a outro país, para que aprendamos novas lições. E aí nascemos em algum país da Europa onde o sol se esconde boa parte do ano. Teremos que conviver com o frio intenso e com os dias cinzentos por vários meses; aprendemos a cultivar outros valores, outras maneiras de viver, outro jeito de ser. E as leis nos direcionam a um país árabe. Aprenderemos a conviver com uma cultura bem diferente; com a pouca liberdade da mulher, com a rigidez na educação dos filhos; com as várias restrições e costumes característicos.

“Depois iremos, estagiar no Japão, na Índia, na África, e aprenderemos a amar outras tantas pátrias, outras tantas raças, outros tantos irmãos em humanidade. Desenvolveremos nossa capacidade de amar num lar norte-americano, num lar soviético, numa família iraquiana, num lar australiano. Passaremos por momentos de dor e alegria e abriremos em nossos corações um espaço para o amor que abrange todos os povos.

“É por essa razão que muitos alemães sentem grande afeto pelo Brasil, pelo povo brasileiro. É por essa razão que muitos árabes e japoneses nutrem amor por nossa pátria. Não é por outro motivo que muitos brasileiros guardam especial carinho pelo povo africano, alemão, soviético, e por outros tantos povos.

“É assim que vamos estendendo nossos laços de afeto pela humanidade inteira. É assim que, quando alguma tragédia acontece num desses países em que já vivemos, nós sentimos como se fosse como nosso próprio país. Quando vemos as guerras cruéis infelicitando os povos distantes, nossos corações se entristecem como se fosse com nosso próprio povo.

“Dessa forma, estagiando ora aqui, ora ali, vamos aprendendo todas as lições e retendo o que há de melhor para nossa evolução, como Espíritos imortais que somos.

“Chegará o dia em que nosso amor abrangerá a humanidade inteira, independente de raça, de posição social ou de religião. E nesse dia não haverá mais guerras, nem disputas, e a verdadeira fraternidade será uma realidade entre todos os povos.

“Não haverá mais a subjugação do mais fraco pelo mais forte, e todas as nações serão solidárias. É assim que Deus governa os mundos. E a reencarnação é a prova do amor divino pelos Seus filhos, conduzidos ao palco da Terra, tantas vezes quantas sejam necessárias. É assim que, estagiando no seio de todos os povos, aprenderemos a amar, sem distinção, a raça humana.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

“Nessa imensa escola chamada Terra, há alunos em diferentes estágios de aprendizado. Alguns já aprenderam as lições básicas do respeito à vida e ao semelhante. Outros ainda estão por aprender o b a bá da fraternidade. Mas muitos já estão ensinando, através do próprio exemplo, o amor incondicional que um dia será a tônica desta pequena escola chamada Terra.”
Bela e instrutiva página para refletirmos!

III – ENCARNAÇÃO NOS DIFERENTES MUNDOS

172. As nossas diversas existências corporais se verificam todas na Terra?

“Não; vivemo-las em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras, nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição.”

173. A cada nova existência corporal a alma passa de um mundo para outro, ou pode ter muitas no mesmo globo?

“Pode viver muitas vezes no mesmo globo, se não se adiantou bastante para passar a um mundo superior.”

a) — Podemos então reaparecer muitas vezes na Terra?

“Certamente.”

b) — Podemos voltar a este, depois de termos vivido em outros mundos?

“Sem dúvida. É possível que já tenhais vivido algures e na Terra.”

174. Tornar a viver na Terra constitui uma necessidade?

“Não; mas, se não progredistes, podereis ir para outro mundo que não valha mais do que a Terra e que talvez até seja pior do que ela.”

175. Haverá alguma vantagem em voltar-se a habitar a Terra?

“Nenhuma vantagem particular, a menos que seja em missão, caso em que se progride aí como em qualquer outro planeta.”

a) — Não se seria mais feliz permanecendo na condição de Espírito?

“Não, não; estacionar-se-ia e o que se quer é caminhar para Deus.”

176. Depois de haverem encarnado noutros mundos, podem os Espíritos encarnar neste, sem que jamais aí tenham estado?

“Sim, do mesmo modo que vós em outros. Todos os mundos são solidários: o que não se faz num faz-se noutro.”

a) — Assim, homens há que estão na Terra pela primeira vez?

“Muitos, e em graus diversos de adiantamento.”

b) — Pode-se reconhecer, por um indício qualquer, que um Espírito está pela primeira vez na Terra?

“Nenhuma utilidade teria isso.”

177. Para chegar à perfeição e à suprema felicidade, destino final de todos os homens, tem o Espírito que passar pela fieira de todos os mundos existentes no Universo?

“Não, porquanto muitos são os mundos correspondentes a cada grau da respectiva escala e o Espírito, saindo de um deles, nenhuma coisa nova aprenderia nos outros do mesmo grau.”

a) — Como se explica então a pluralidade de suas existências em um mesmo globo?

“De cada vez poderá ocupar posição diferente das anteriores e nessas diversas posições se lhe deparam outras tantas ocasiões de adquirir experiência.”

178. Podem os Espíritos encarnar em um mundo relativamente inferior a outro onde já viveram?

“Sim, quando em missão, com o objetivo de auxiliarem o progresso, caso em que aceitam alegres as tribulações de tal existência, por lhes proporcionar meio de se adiantarem.”

a) — Mas, não pode dar-se também por expiação? Não pode Deus degradar para mundos inferiores Espíritos rebeldes?

“Os Espíritos podem conservar-se estacionários, mas não retrogradam. Em caso de estacionamento, a punição deles consiste em não avançarem, em recomeçarem, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal-empregadas.”

b) — Quais os que têm de recomeçar a mesma existência?

“Os que faliram em suas missões ou em suas provas.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

179. Os seres que habitam cada mundo não todos alcançado o mesmo nível de perfeição?

“Não; dá-se em cada um o que ocorre na Terra: uns Espíritos são mais adiantados do que outros.”

180. Passando deste planeta para outro, conserva o Espírito a inteligência que aqui tinha?

“Sem dúvida; a inteligência não se perde. Pode, porém, acontecer que ele não disponha dos mesmos meios para manifestá-la, dependendo isto da sua superioridade e das condições do corpo que tomar.” (Veja-se: “Influência do organismo”, cap. VII, Parte 2ª.)

181. Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?

“É fora de dúvida que têm corpos, porque o Espírito precisa estar revestido de matéria para atuar sobre a matéria.

Esse envoltório, porém, é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso o que assinala a diferença entre os mundos que temos de percorrer, porquanto muitas moradas há na casa de nosso Pai, sendo, conseqüentemente, de muitos graus essas moradas. Alguns o sabem e desse fato têm consciência na Terra; com outros, no entanto, o mesmo não se dá.”

182. É-nos possível conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?

“Nós, Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vos achais. Quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em estado de compreendê-las e semelhante revelação os perturbaria.”

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espírita. Torna-se-lhe menos densa a matéria, deixa de rastejar penosamente pela superfície do solo, menos grosseiras se lhe fazem as necessidades físicas, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se nutrirem. O Espírito se acha mais livre e tem, das coisas longínquas, percepções que desconhecemos. Vê com os olhos do corpo o que só pelo pensamento entrevemos.

Da purificação do Espírito decorre o aperfeiçoamento moral, para os seres que eles constituem, quando encarnados. As paixões animais se enfraquecem e o egoísmo cede lugar ao sentimento da fraternidade. Assim é que, nos mundos superiores ao nosso, se desconhecem as guerras, carecendo de objeto os ódios e as discórdias, porque ninguém pensa em causar dano ao seu semelhante. A intuição que seus habitantes têm do futuro, a segurança que uma consciência isenta de remorsos lhes dá, fazem que a morte nenhuma apreensão lhes cause. Encaram-na de frente, sem temor, como simples transformação.

A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a miná-lo. É essa ainda uma graça da Providência, que desse modo abrevia os sofrimentos.

183. Indo de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância?

“Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não é, em toda parte, tão obtusa como no vosso mundo.”

184. Tem o Espírito a faculdade de escolher o mundo onde passe a habitar?

“Nem sempre. Pode pedir que lhe seja permitido ir para este ou aquele e pode obtê-lo, se o merecer, porquanto a acessibilidade dos mundos, para os Espíritos, depende do grau da elevação destes.”

a) — Se o Espírito nada pedir, que é o que determina o mundo em que ele reencarnará?

“O grau da sua elevação.”

185. O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada mundo?

“Não; os mundos também estão sujeitos à lei do progresso.

Todos começaram, como o vosso, por um estado inferior e a própria Terra sofrerá idêntica transformação.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

Tornar-se-á um paraíso, quando os homens se houverem tornado bons.”

É assim que as raças, que hoje povoam a Terra, desaparecerão um dia, substituídas por seres cada vez mais perfeitos, pois que essas novas raças transformadas sucederão às atuais, como estas sucederam a outras ainda mais grosseiras.

186. Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?

“Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros.”

a) — Parece resultar daí que, entre o estado correspondente às últimas encarnações e a de Espírito puro, não há linha divisória perfeitamente demarcada; não?

“Semelhante demarcação não existe. A diferença entre um e outro estado se vai apagando pouco a pouco e acaba por ser imperceptível, tal qual se dá com a noite às primeiras claridades do alvorecer.”

187. A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos?

“Não; é mais ou menos etérea. Passando de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria desse outro, operando-se, porém, essa mudança com a rapidez do relâmpago.”

188. Os Espíritos puros habitam mundos especiais, ou se acham no espaço universal, sem estarem mais ligados a um mundo do que a outros?

“Habitam certos mundos, mas não lhes ficam presos, como os homens à Terra; podem, melhor do que os outros, estar em toda parte.” (1)

(1) Segundo os Espíritos, de todos os mundos que compõem o nosso sistema planetário, a **Terra** é dos de habitantes menos adiantados, física e moralmente. **Marte** lhe estaria ainda abaixo, sendo-lhe **Júpiter** superior de muito, a todos os respeitos. O **Sol** não seria mundo habitado por seres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos, que eles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, transmitindo-os a estes por meio do fluido universal. Considerado do ponto de vista da sua constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. Todos os sóis como que estariam em situação análoga.

O volume de cada um e a distância a que esteja do Sol nenhuma relação necessária guardam com o grau do seu adiantamento, pois que, do contrário, Vênus deveria ser tida por mais adiantada do que a Terra e Saturno menos do que Júpiter.

Muitos Espíritos, que na Terra animaram personalidades conhecidas, disseram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição, e há causado espanto que, nesse globo tão adiantado, estivessem homens a quem a opinião geral aqui não atribuía tanta elevação. Nisso nada há de surpreendente, desde que se atenda a que, possivelmente, certos Espíritos, habitantes daquele planeta, foram mandados à Terra para desempenharem aí certa missão que, aos nossos olhos, os não colocava na primeira plana. Em segundo lugar, deve-se atender a que, entre a existência que tiveram na Terra e a que passaram a ter em Júpiter, podem eles ter tido outras intermédias, em que se melhoraram.

Finalmente, cumpre se considere que, naquele mundo, como no nosso, múltiplos são os graus de desenvolvimento e que, entre esses graus, pode haver a distância que separa, entre nós, o selvagem ao homem civilizado. Assim, do fato de um Espírito habitar Júpiter não se segue que esteja no nível dos seres mais adiantados, do mesmo modo que ninguém pode considerar-se na categoria de um sábio do Instituto, só porque reside em Paris.

As condições de longevidade não são, tampouco, em qualquer parte, as mesmas que na Terra e as idades não se podem comparar.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

Evocado, um Espírito que desencarnara havia alguns anos, disse que, desde seis meses antes, estava encarnado em mundo cujo nome nos é desconhecido. Interrogado sobre a idade que tinha nesse mundo, disse: “Não posso avaliá-la, porque não contamos o tempo como contais. Depois, os modos de existência não são idênticos.

Nós, lá, nos desenvolvemos muito mais rapidamente. Entretanto, se bem não haja mais de seis dos vossos meses que lá estou, posso dizer que, quanto à inteligência, tenho trinta anos da idade que tive na Terra.”

Muitas respostas análogas foram dadas por outros Espíritos e o fato nada apresenta de inverossímil. Não vemos que, na Terra, uma imensidade de animais em poucos meses adquire o desenvolvimento normal? Por que não se poderia dar o mesmo com o homem noutras esferas? Notemos, além disso, que o desenvolvimento que o homem alcança na Terra aos trinta anos talvez não passe de uma espécie de infância, comparado com o que lhe cumpre atingir. Bem curto de vista se revela quem nos toma em tudo por protótipos da criação, assim como é rebaixar a Divindade o imaginar-se que, fora o homem, nada mais seja possível a Deus.

Encarnação nos diferentes mundos

Os Espíritos não estão indefinidamente presos a um mundo

1. A encarnação nos diferentes mundos obedece a um critério de progresso moral. Quando, em determinado planeta, os Espíritos não realizaram a soma de progresso que o estado desse planeta comporta, eles o deixam para encarnar em outro mais adiantado, onde poderão adquirir novos conhecimentos.

2. Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham, portanto, presos a ele indefinidamente. Cada mundo é para eles o que escola representa para a criança, que muda de classe à medida que progride nos seus estudos.

3. Os Espíritos elevados são destinados a reencarnar em planetas mais bem dotados que o nosso. A escala grandiosa dos mundos apresenta inúmeros graus, dispostos para a ascensão progressiva dos Espíritos, que os devem transpor cada um por sua vez.

4. Falando a respeito das inumeráveis moradas existentes no Universo infinito, Jesus afirmou: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos o lugar”.

A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas

5. Segundo a Doutrina Espírita, os planetas podem dividir-se em cinco categorias principais:

- Mundos primitivos, onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana.
- Mundos de expiação e provas, em que o mal predomina.
- Mundos regeneradores, onde as almas que ainda têm o que expiar adquirem novas forças, repousando das fadigas da luta.
- Mundos felizes, onde o bem supera o mal.
- Mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina sem mistura.

6. A Terra – assevera Allan Kardec – pertence à categoria dos mundos de expiação e de provas, e é por isso que nela o homem está exposto a tantas misérias. “Não obstante – ensina Santo Agostinho – não são todos os Espíritos encarnados na Terra que se encontram em expiação. As raças que chamais selvagens constituem-se de Espíritos apenas saídos da infância, e que estão, por assim dizer, educando-se e desenvolvendo-se ao contacto de Espíritos mais avançados.” (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. III, item 14.)

7. Nas esferas superiores à Terra o império da matéria é menor. Lá se desconhecem as guerras, carecendo de objeto os ódios e as discórdias, porque ninguém – devido ao estado de adiantamento da sociedade ali encarnada – pensa em causar dano ao seu semelhante.

8. O homem que vive nesses mundos não mais se arrasta penosamente sob a ação de pesada atmosfera. Ele se desloca de um lugar a outro com muita facilidade. As necessidades corpóreas são quase nulas e desconhecidos os trabalhos rudes. Mais longa que a nossa, a existência ali se passa no estudo, na participação das obras de uma civilização aperfeiçoada, que tem por base a mais pura moral, o respeito aos direitos de todos, a amizade e a fraternidade.

A forma humana é comum também aos mundos superiores

9. A intuição que seus habitantes têm do futuro, a segurança que uma consciência isenta de remorsos lhes dá, fazem com que a morte nenhuma apreensão lhes cause, e eles a encaram de frente, sem temor, como simples transformação necessária ao processo evolutivo.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

10. Nenhum pensamento oculto, nenhum sentimento de inveja tem ingresso nessas almas delicadas. O amor, a confiança, a sinceridade presidem às reuniões em que todos recolhem as instruções dos mensageiros divinos e onde se aceitam as tarefas que podem contribuir para elevá-los ainda mais.

11. A encarnação de um Espírito em um mundo inferior àquele em que viveu em sua última existência corpórea pode ocorrer em dois casos:

·Como missão, com o objetivo de auxiliar o progresso, caso em que aceita alegre as tribulações de tal existência, por lhe proporcionar meio de se adiantar.

·Como expiação, porque há casos em que os Espíritos devem recomeçar, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal empregadas.

12. Nos mundos superiores à Terra a forma corpórea é sempre a humana, porém muito mais bela, aperfeiçoada e sobretudo purificada. O corpo físico nada tem da materialidade terrestre e, por isso, não está sujeito às necessidades, às doenças e às deteriorações que a predominância da matéria provoca.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 178 e 182.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo III, itens 2 a 18.)

Kardec Allan, A Gênese, (item 28.)

O Evangelho segundo João, (14:1-3.)

Denis Léon, Depois da Morte, (pp. 221 e 224.)

27 – 19/10/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

Diferentes categorias de mundos habitados

Povoamento dos mundos

1. Deus povoou de seres vivos os mundos, concorrendo todos eles para o objetivo final da Providência. Acreditar que só os haja no planeta que habitamos é duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil. Certamente, a esses mundos o Pai há de ter dado uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Nada, aliás, existe, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa induzir à suposição de que ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos trilhões de mundos semelhantes.

2. Quando Jesus disse: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós aí estejais” (João, 14:1 a 3), o Mestre estava nos ensinando o princípio da pluralidade dos mundos habitados, de uma maneira cristalina, para não deixar dúvidas.

A constituição física dos diversos planetas

3. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos. Em função disto, diversa é a constituição física de cada mundo e, conseqüentemente, dos seus habitantes. Cada mundo oferece aos que o habitam condições adequadas e próprias à vida planetária. As necessidades vitais num planeta poderão não ser as mesmas, e até opostas, noutra.

4. O mundo que habitamos faz parte de um séquito de planetas e asteroides que acompanham o Sol em sua viagem pela vastidão incomensurável do espaço. Mesmo assim, as distâncias entre os planetas que formam o nosso sistema planetário são imensas. Para se ter ideia, enquanto a Terra gasta aproximadamente 365 dias para promover uma volta ao redor do Sol, existem planetas que gastam para completar uma revolução ao redor do mesmo Sol entre 88 dias e 25 anos terrestres.

5. Nosso sistema planetário não ocupa, porém, senão um ponto ínfimo no universo. Haja vista que ele pertence a um grupamento estelar, ou galáxia, chamada Via Láctea, onde existem bilhões de estrelas, algumas das quais tão grandes, mas tão grandes, que uma só ocupa espaço igual ao ocupado pelo Sol e quase todos os planetas que este arrasta consigo.

(N.R.: A estimativa mais recente feita pelos astrônomos revela que existem na Via Láctea cerca de 400 bilhões de estrelas.)

As diferentes categorias dos mundos habitados

6. Dos ensinamentos dados pelos Espíritos resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há os em que seus habitantes são inferiores aos da Terra, física e moralmente. Outros possuem a mesma categoria que o nosso e muitos lhe são mais ou menos superiores.

7. Nos mundos inferiores, a existência é toda material e as paixões reinam soberanas, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que nos mundos mais adiantados a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

8. Evidentemente, não podemos fazer uma classificação absoluta das categorias dos mundos habitados, mas Kardec nos oferece uma que nos permite uma visão geral sobre o assunto:

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

A) **Mundos primitivos** – Nos mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana, a vida, toda material, se limita à luta pela subsistência, o senso moral é quase nulo e, por isso mesmo, as paixões reinam soberanas. A Terra já passou por essa fase.

B) **Mundos de expiação e provas** – Nesses mundos o mal predomina. É a atual situação da Terra, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.

C) **Mundos de regeneração** – São mundos em que as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta.

D) **Mundos ditosos ou felizes** – São os planetas onde o bem sobrepuja o mal e, por isso, a felicidade impera.

E) **Mundos celestes ou divinos** – São as habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem, visto que todos que aí vivem já alcançaram o cume da sabedoria e da bondade.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (item 55.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 3, itens 2 a 4.)

Calligaris Rodolfo, Páginas de Espiritismo Cristão, (págs. 16 a 19.)

IV – TRANSMIGRAÇÃO PROGRESSIVA

189. Desde o início de sua formação, goza o Espírito da plenitude de suas faculdades?

“Não, pois que para o Espírito, como para o homem, também há infância. Em sua origem, a vida do Espírito é apenas instintiva. Ele mal tem consciência de si mesmo e de seus atos. A inteligência só pouco a pouco se desenvolve.”

190. Qual o estado da alma na sua primeira encarnação?

“O da infância na vida corporal. A inteligência então apenas desabrocha: a alma se ensaia para a vida.”

191. As almas dos nossos, selvagens são almas no estado de infância?

“De infância relativa, pois já são almas desenvolvidas, visto que já nutrem paixões.”

a) — Então, as paixões são um sinal de desenvolvimento?

“De desenvolvimento, sim; de perfeição, porém, não são sinal de atividade e de consciência do eu, porquanto, na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham no estado de gérmen.”

A vida do Espírito, em seu conjunto, apresenta as mesmas fases que observamos na vida corporal. Ele passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, para chegar, percorrendo sucessivos períodos, ao de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que para o Espírito não há declínio, nem decrepitude, como na vida corporal; que a sua vida, que teve começo, não terá fim; que imenso tempo lhe é necessário, do nosso ponto de vista, para passar da infância espírita ao completo desenvolvimento; e que o seu progresso se realiza, não num único mundo, mas vivendo ele em mundos diversos. A vida do Espírito, pois, se compõe de uma série de existências corpóreas, cada uma das quais representa para ele uma ocasião de progredir, do mesmo modo que cada existência corporal se compõe de uma série de dias, em cada um dos quais o homem obtém um acréscimo de experiência e de instrução. Mas, assim como, na vida do homem, há dias que nenhum fruto produzem, na do Espírito há existências corporais de que ele nenhum resultado colhe, porque não as soube aproveitar.

192. Pode alguém, por um proceder impecável na vida atual, transpor todos os graus da escala do aperfeiçoamento e tornar-se Espírito puro, sem passar por outros graus intermédios?

“Não, pois o que o homem julga perfeito longe está da perfeição. Há qualidades que lhe são desconhecidas e incompreensíveis.

Poderá ser tão perfeito quanto o comporte a sua natureza terrena, mas isso não é a perfeição absoluta.

Dá-se com o Espírito o que se verifica com a criança que, por mais precoce que seja, tem de passar pela juventude, antes de chegar à idade da maturidade; e também com o enfermo que, para recobrar a saúde, tem de passar pela convalescença. Demais, ao Espírito cumpre progredir em ciência e em moral. Se somente se adiantou num sentido, importa se adiante no outro, para atingir o extremo superior da escala. Contudo, quanto mais o homem se adiantar na sua vida atual, tanto menos longas e penosas lhe serão as provas que se seguirem.”

a) — Pode ao menos o homem, na vida presente, preparar com segurança, para si, uma existência futura menos preñe de amarguras?

“Sem dúvida. Pode reduzir a extensão e as dificuldades do caminho. Só o descuidoso permanece sempre no mesmo ponto.”

193. Pode um homem, nas suas novas existências, descer mais baixo do que esteja na atual?

“Com relação à posição social, sim; como Espírito, não.”

194. É possível que, em nova encarnação, a alma de um homem de bem anime o corpo de um celerado?

“Não, visto que não pode degenerar.”

a) — A alma de um homem perverso pode tornar-se a de um homem de bem?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

“Sim, se se arrependeu. Isso constitui então uma recompensa.”

A marcha dos Espíritos é progressiva, jamais retrógrada. Eles se elevam gradualmente na hierarquia e não descem da categoria a que ascenderam. Em suas diferentes existências corporais, podem descer como homens, não como Espíritos. Assim, a alma de um potentado da Terra pode mais tarde animar o mais humilde obreiro e vice-versa, por isso que, entre os homens, as categorias estão, frequentemente, na razão inversa da elevação das qualidades morais. Herodes era rei e Jesus, carpinteiro.

195. A possibilidade de se melhorarem noutra existência não será de molde a fazer que certas pessoas perseverem no mau caminho, dominadas pela ideia de que poderão corrigir-se mais tarde?

“Aquele que assim pensa em nada crê e a ideia de um castigo eterno não o refrearia mais do que qualquer outra, porque sua razão a repele, e semelhante ideia induz à incredulidade a respeito de tudo. Se unicamente meios racionais se tivessem empregado para guiar os homens, não haveria tantos cépticos. De fato, um Espírito imperfeito poderá, durante a vida corporal, pensar como dizes; mas, liberto que se veja da matéria, pensará de outro modo, pois logo verificará que fez cálculo errado e, então, sentimento oposto a esse trará ele para a sua nova existência. É assim que se efetua o progresso e essa a razão por que, na Terra, os homens são desigualmente adiantados. Uns já dispõem de experiência que a outros falta, mas que adquirirão pouco a pouco. Deles depende o acelerar-se-lhes o progresso ou retardar-se indefinidamente.”

O homem, que ocupa uma posição má, deseja trocá-la o mais depressa possível. Aquele, que se acha persuadido de que as tribulações da vida terrena são consequência de suas imperfeições, procurará garantir para si uma nova existência menos penosa e esta ideia o desviará mais depressa da senda do mal do que a do fogo eterno, em que não acredita.

196. Não podendo os Espíritos aperfeiçoar-se, a não ser por meio das tribulações da existência corpórea, segue-se que a vida material seja uma espécie de crisol ou de depurador, por onde têm que passar todos os seres do mundo espírita para alcançarem a perfeição?

“Sim, é exatamente isso. Eles se melhoram nessas provas, evitando o mal e praticando o bem; porém, somente ao cabo de mais ou menos longo tempo, conforme os esforços que empreguem; somente após muitas encarnações ou depurações sucessivas, atingem a finalidade para que tendem.”

a) — É o corpo que influi sobre o Espírito para que este se melhore, ou o Espírito que influi sobre o corpo?

“Teu Espírito é tudo; teu corpo é simples veste que apodrece: eis tudo.”

O suco da vide nos oferece um símile material dos diferentes graus da depuração da alma. Ele contém o licor que se chama espírito ou álcool, mas enfraquecido por uma imensidade de matérias estranhas, que lhe alteram a essência. Esta só chega à pureza absoluta depois de múltiplas destilações, em cada uma das quais se despoja de algumas impurezas. O corpo é o alambique em que a alma tem que entrar para se purificar. Às matérias estranhas se assemelha o perispírito, que também se depura, à medida que o Espírito se aproxima da perfeição.

Especial

349 – 09/02/2014

O Consolador – (Américo Domingos Nunes Filho)

IV. Transmigração Progressiva

O Primordial “Nascer de novo”: a Reencarnação

A Doutrina Espírita e o Evangelho de Jesus enfatizam a necessidade primordial da reencarnação para a evolução do Espírito, ensinamento igualmente encontrado no Zoar:

“Todas as almas são submetidas às provas da transmigração” e na Cabala:

“São os renascimentos que permitem aos homens se purificar”.

Segundo o Espiritismo, somente pela reencarnação o ser espiritual pode crescer espiritualmente e, permanecendo à margem da dimensão física, fica estacionário no caminho evolutivo

(Q. nº 175(a) de “O Livro dos Espíritos”).

Na obra “A Terra e o Semeador”, o confrade Salvador Gentile faz a seguinte pergunta: “Chico Xavier, por que se diz que o Espírito para evoluir precisa se encarnar? No Mundo Espiritual, ele não evolui? Qual a diferença principal entre as duas faixas de evolução quanto ao aprendizado?” Corroborando a codificação kardeciana, o ilustre medianeiro diz que “internados no corpo terrestre é que somos instruídos a respeito da necessidade de mais ampla harmonização de nossa parte, uns com os outros, certamente porque, vivendo nas esferas espirituais próximas da Terra, com aqueles que são as criaturas absolutamente afinadas conosco, não percebemos de pronto as necessidades de aperfeiçoamento e progresso. Numa comunidade ideal, com vinte, quarenta ou dez pessoas raciocinando por uma faixa só, estamos tão felizes que corremos o risco de permanecer estanques em matéria de evolução por muito tempo. Beneficiados com a reencarnação, o estacionamento é quebrado de modo natural...”.

A vida do Espírito é uma educação progressiva – Realmente, a evolução do Espírito é compulsória em um ambiente físico como o da Terra, desde que, na vibração etérea do universo espiritual, os indivíduos estariam sintonizados apenas com os seus semelhantes, situados na mesma faixa vibratória. No ambiente terreno ou em mundos semelhantes, a diversificação, o contato ou o intercâmbio com seres encarnados, em diferentes graus evolutivos, permite o aprimoramento espiritual.

Foi feita a seguinte pergunta a Léon Denis: “Por que o Espírito que está no espaço encarna em um corpo?”. O insigne confrade respondeu: “Porque é a lei de sua natureza, a condição necessária de seu progresso e de seu destino. A vida material, com suas dificuldades, precisa do esforço e o esforço desenvolve nossos poderes latentes e nossas faculdades em germen”. O ilustre filósofo do Espiritismo enfatiza que “o Espírito reencarna tantas vezes quantas sejam necessárias para atingir a plenitude do seu ser e de sua felicidade. A vida do Espírito é uma educação progressiva, que pressupõe uma longa série de trabalhos a realizar e de etapas a percorrer. O Espírito só pode progredir, reparar, renovando várias vezes suas existências em condições diferentes, em épocas variadas, em meios diversos. Cada uma de suas encarnações lhe permite apurar sua sensibilidade, aperfeiçoar suas faculdades intelectuais e morais” (“Synthèse Spiritualiste Doctrinale et Pratique”, págs. 25 e 26).

A essência espiritual necessita de um meio mais consistente, de baixa vibração, para evoluir, vencendo as dificuldades e obstáculos que a matéria lhe proporciona. A evolução se processa preferencialmente em mundos planetários inferiores, onde o corpo espiritual vem adquirindo recursos vagarosamente, em milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica, através da reencarnação.

Os Espíritos são criados simples e ignorantes – A centelha divina precisa da tela física para suas aquisições e experiências. Por sua vez, o setor físico se aperfeiçoa pela influência espiritual. Nos arraiais da erraticidade, estacionado na faixa evolutiva em que se encontra, impedido de alcançar grandes voos, o Espírito se encontra envolvido por sua consciência, a qual constantemente o científica dos atos praticados em vivências reencarnatórias transatas e a necessidade da reparação dos equívocos, exortando-lhe o planejamento do seu futuro, preparando-se para mais

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

uma etapa na arena física, sabendo que “o espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Marcos 14:38). Difícil tarefa será a prática do bem e o desprendimento das coisas físicas porquanto as tentações do poder e o hedonismo estarão presentes, envolvendo o viajor terreno nas teias do egoísmo, do orgulho, da prepotência e da vaidade.

Em “OLE”, na questão 132, Allan Kardec pergunta: “Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?”. A resposta, pronta e objetiva: “Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição...”, a qual corresponde ao estado dos Espíritos puros, passível de ser alcançado por todas as criaturas que trilham vitoriosas os caminhos das provas e expiações na dimensão da matéria, adquirindo o progresso moral e intelectual. É ressaltada a importância de todos os seres espirituais passarem por todas as vicissitudes da existência física, enquanto no item seguinte, questão 133, os instrutores do além corroboram que “todos os Espíritos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal”.

“O que é nascido da carne é carne”, disse Jesus – É, portanto, primordial para a individualidade espiritual o renascimento no corpo somático, defrontando-se com a resistência própria da matéria, tendo a chance excelsa de despertar dentro de si as potencialidades divinas, acarretando o crescimento evolutivo.

“Em verdade, em verdade, digo-te: Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo” (João 3:3).

“Não te maravilhes de eu te dizer: vos é necessário nascer de novo” (João 3:7): Segundo o Evangelho de Jesus, é obrigatório o renascimento na carne para se obter o Reino de Deus, isto é, para encontrar dentro de cada um a divindade que lhe dá a vida e esse mergulho interior é obtido através das inúmeras oportunidades reencarnatórias (“O que é nascido da carne, é carne”).

O corpo humano, constituído de carne e água, serve como veículo da alma no caminho da evolução. A baixa vibração própria de um mundo inferior, como a Terra, propicia ao Espírito ainda claudicante a revelação de seu interior. O verdadeiro autoconhecimento é proporcionado pela vida na matéria, começando o ser a transmutar tudo que é inferior dentro de si, transformando-se paulatinamente de bruto em anjo, com o desprendimento das coisas materiais, com o exercício contínuo de serviço desinteressado ao próximo, nas vitórias sobre as provas e expiações. Primeiramente, galga os inúmeros degraus da evolução, sujeito aos renascimentos físicos, ainda denominados de “nascido de mulher”, e se tornando, finalmente, produto da Humanidade ou “Filho do Homem”, conquistador da própria individualidade, apto a habitar as esferas superiores como Espírito puro.

Para Roustaing, a encarnação humana é um castigo – O Cristo é um exemplo de alguém que já achou esse Reino Celestial. Ele falou do que sabe, do que almejou encontrar: “Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, a saber, o Filho do Homem” (João 3: 13).

Para os que se encontram na retaguarda na evolução, Jesus se apresenta como o caminho a seguir, oferecendo-lhes seus ensinamentos e exemplificações para que, em cada vivência física, tenham mais experiências e adquiram mais aptidões.

A evolução fugaz do ser espiritual, na dimensão extrafísica, é bem explanada por Jesus, quando aborda a “Parábola do Filho Pródigo”, citando o filho mais velho como alguém paralisado, estacionado, na evolução, temeroso de ir adiante, o que não fez seu irmão mais novo, chegando ao ponto de “comer dos restos dos porcos”, isto é, passar pelas tenazes atribulações da vida somática, passando pelo sofrimento restaurador, tanto expiatório como provacional, e receber as honrarias da vitória conquistada.

A respeito do tema em tela, é necessário apontar, dentre muitos, um erro grave doutrinário encontrado na decadente obra “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, onde se encontra a tese fundamental de que “a encarnação humana é um castigo e não uma necessidade” (vol. 1, pág.317). Esse enunciado, completamente contrário à codificação espírita e ao Evangelho de Jesus, foi assim prontamente repellido por Kardec, sem rodeios, na obra “A Gênese”, no cap. XI, esclarecendo que “a encarnação, portanto, não é, de modo algum, normalmente uma punição para o Espírito, como pensam alguns (referência clara aos docetas de todas as épocas,

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

principalmente a Roustaing e sua apócrifa obra), mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de progredir”.

Reencarnar é, como o nome diz, voltar à dimensão física – A repelente tese é reforçada com a informação malsinada de que, além de ser compulsória a encarnação para todos os Espíritos que não conseguiram evoluir na dimensão extrafísica, até mesmo entidades superiores, algumas, inclusive, construindo mundos no Universo, podem se transviar, dominadas pelo orgulho (?) e serem jogadas na Terra (“anjos decaídos”), onde darão vida, por castigo divino, a: formas repugnantes, contendo membros em estado latente, rastejando ou deslizando no solo. Segundo essa execranda tese, esses seres agrupam-se nos lírios do campo e são denominados de “criptógamos carnudos” (vol. I, pág. 313). O Espiritismo afirma o contrário, ensinando que os Espíritos não degeneram, “podem até permanecer estacionários, mas não retrogradam” (“OLE”-Q. 118). Felizmente, essa aberração científico espiritual não é apanágio da Doutrina Espírita.

Em verdade, os falsos profetas da erraticidade sempre estão a postos tentando solapar a magnânima e excelsa Doutrina de Jesus, como está sendo verificado, atualmente, com a publicação de obras mediúnicas trazendo fantasias, verdadeiros delírios, indigestos frutos da fascinação espiritual, relatando atividade sexual na erraticidade, com fecundação e nascimentos de Espíritos, de almas de aves e de animais. A aberração é tão intensa que definiram o inusitado fenômeno de “Reencarnação no Plano Espiritual”, ferindo, não somente a codificação kardeciana, como igualmente o vernáculo, desde que reencarnar (prefixo “re” + encarnar, do latim incarnare) é voltar à dimensão física, ou seja, tornar o Espírito a habitar um corpo carnal com o objetivo de se burilar e se aperfeiçoar na senda do progresso a que todos os seres estão predestinados. Portanto, só se reencarna, é claro, na carne. A criação ou fecundação de Espíritos é essencialmente obra divina. É extrema tolice, intenso disparate, retirar de Deus a criação dos Espíritos. Os que acreditam em tamanha aberração são portadores de santa ingenuidade e merecem de todos os espíritas muita consideração e apreço, não se esquecendo de rogar por eles nas diuturnas preces.

O Espiritismo e a metempsicose

Outro dia, me atentei a ouvir a explanação de um sacerdote católico com relação a imortalidade da alma. Para fazer-se entender, o representante da igreja romana citou diversas religiões, elencando o que cada uma delas defendia. Ao mencionar o Espiritismo, explicou que a doutrina codificada por Allan Kardec se fundamenta na reencarnação. Até aí tudo bem; entretanto, ele foi mais além e afirmou que a reencarnação deriva da primitiva teoria de metempsicose. O que não é verdade.

A teoria da metempsicose (do grego: meta: Além de : em + psiquê: alma), surgiu nas civilizações antigas (Egito, Grécia e Roma) e fora bastante difundida por alguns dos grandes filósofos da humanidade, como Pitágoras e Platão. **De uma maneira geral essa expressão representa a transmigração da alma. O Espírito troca de corpo a cada vez que este perece, podendo inclusive ocupar um corpo físico de um animal ou um vegetal.** Essa teoria ainda hoje é sustentada por algumas religiões (Budismo e Hinduísmo).

Já a reencarnação (do latim in carnare: fazer-se carne), apesar de partir do mesmo princípio, possui outro significado. Reencarnar é dizer que a alma pode retornar em outro corpo carnal, sem qualquer semelhança com o antigo. A grande diferença entre esses conceitos é que a metempsicose defende a possibilidade do retorno da alma em outras condições que não seja a humana e para a reencarnação isto não é plausível.

Allan Kardec trata do assunto em o “Livro dos Espíritos”.

611. A comunhão de origem dos seres vivos no princípio inteligente não é a consagração da doutrina da metempsicose?

Duas coisas podem ter a mesma origem e não se assemelham em nada mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos no germe informe que se contém na semente de onde saíram? No momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanidade, não tem mais relação com o seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente. No homem, somente existe do animal o corpo, as paixões que nascem da influência do corpo e os instintos de conservação inerente à matéria. Não se pode dizer, portanto, que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal e, por conseguinte, a metempsicose, tal como a entendem, não é exata.

612. O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar-se num animal?

– Isso seria retrogradar, e o Espírito não retrógrada. O rio não remonta à nascente. (Ver item 118.)

613. Por mais errônea que seja a ideia ligada à metempsicose, não seria ela o resultado do sentimento intuitivo das diferentes existências do homem?

– Reconhecemos esse sentimento intuitivo nessa crença como em muitas outras; mas, como a maior parte dessas ideias intuitivas, o homem a desnaturou.

Ainda segundo o Espiritismo, Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. A partir dele, primeiramente, e de outros dois princípios (espírito e matéria), forma-se tudo que constitui o universo. É o que conhecemos como trindade universal (Deus, Espírito e Matéria).

Entre a matéria e o espírito encontra-se o fluido cósmico universal, que anima os reinos existentes (mineral, vegetal e animal); a medida em que esse fluido se desenvolve, o princípio inteligente (espírito) se estabelece. “O fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza.”

(A Gênese, cap. XIV, itens 2 a 6.)

Toda a criação de Deus está submetida à marcha do progresso, podendo permanecer estacionada por um período transitório, entretanto, jamais retrocede. Por esse motivo, a teoria de

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

metempsicose não se encaixa nos princípios do Espiritismo. Retornar a um corpo animal ou vegetal seria retroagir a condições primárias de evolução.

V – SORTE DAS CRIANÇAS APÓS A MORTE

197. Poderá ser tão adiantado quanto o de um adulto o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade?

“Algumas vezes o é muito mais, porquanto pode dar-se que muito mais já tenha vivido e adquirido maior soma de experiência, sobretudo se progrediu.”

a) — Pode então o Espírito de uma criança ser mais adiantado que o de seu pai?

“Isso é muito frequente. Não o vedes vós mesmos tão amiudadas vezes na Terra?”

198. Não tendo podido praticar o mal, o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade pertence a alguma das categorias superiores?

“Se não fez o mal, igualmente não fez o bem e Deus não o isenta das provas que tenha de padecer. Se for um Espírito puro, não o é pelo fato de ter animado apenas uma criança, mas porque já progredira até a pureza.”

199. Por que tão frequentemente a vida se interrompe na infância?

“A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar, e sua morte, também não raro, constitui provação ou expiação para os pais.”

a) — Que sucede ao Espírito de uma criança que morre pequenina?

“Recomeça outra existência.”

Se uma única existência tivesse o homem e se, extinguindo-se-lhe ela, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, da que morre na infância, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que se vê submetida a outra metade? Semelhante ordem de coisas não corresponderia à justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é real para todos. O futuro a todos toca sem exceção e sem favor para quem quer que seja. Os retardatários só de si mesmos se podem queixar. Forçoso é que o homem tenha o merecimento de seus atos, como tem deles a responsabilidade.

Aliás, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se vêem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? Algumas não há que parecem trazer do berço a astúcia, a felonía, a perfídia, até pendor para o roubo e para o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados se lhes dão? A lei civil as absolve de seus crimes, porque, diz ela, obraram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas obram mais por instinto do que intencionalmente. Onde, porém, provirão instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas em condições idênticas e sujeitas às mesmas influências?

Donde a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso?

As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco hão progredido. Sofrem então, por efeito dessa falta de progresso, as consequências, não dos atos que praticam na infância, mas dos de suas existências anteriores. Assim é que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela justiça de Deus.

Errante é o Espírito que precisa encarnar para evoluir

1. Separado do corpo físico, em decorrência da desencarnação, o Espírito volta, na maioria das vezes, a reencarnar depois de intervalos mais ou menos longos, intervalos esses que podem durar desde algumas horas até vários séculos, não existindo, nesse sentido, limite determinado. O Espiritismo ensina, contudo, que esses intervalos podem prolongar-se por muito tempo, mas jamais serão perpétuos.

2. Enquanto aguarda nova encarnação, o desencarnado fica no estado de Espírito errante, estado em que espera novas oportunidades e aspira a um novo destino. O fato de estar desencarnado não o coloca, porém, na condição de Espírito errante. Errante só o é aquele que necessita de nova encarnação para progredir. O Espírito que não mais precisa encarnar para evoluir já se encontra no estado de Espírito puro. Assim, quanto ao estado em que se encontrem, os Espíritos podem ser:

1 – **Encarnados**, os que estão ligados a um corpo físico;

2 – **Errantes**, os que aguardam nova encarnação;

3 – **Puros**, os que, desligados da matéria, já chegaram à perfeição e por isso não necessitam de nova encarnação.

3. Convém destacar que o estado de erraticidade não constitui, por si só, sinal de inferioridade dos Espíritos, uma vez que há Espíritos errantes de todos os graus. A reencarnação é, com efeito, um estado transitório, já que o estado normal é quando o Espírito, liberto da matéria, vive plenamente a vida espiritual.

4. No estado de erraticidade, os Espíritos não ficam inertes: estudam, observam, buscam informações que lhes enriqueçam o conhecimento das coisas, procurando o melhor meio de se elevarem. O ensino espírita sobre a vida de além-túmulo mostra que no espaço não há lugar algum destinado à contemplação estéril, à beatitude ociosa. Todas as regiões do espaço estão povoadas por Espíritos laboriosos.

Os Espíritos são os construtores do seu futuro

5. Na condição de errante, o Espírito pode, portanto, melhorar muito, conquistando novos conhecimentos, dependendo naturalmente de sua maior ou menor vontade. Entretanto, será na condição de Espírito encarnado que terá oportunidade de colocar em prática as ideias que adquiriu e realizar, efetivamente, o progresso que está buscando.

6. Gabriel Delanne afirma que os Espíritos são os próprios construtores do seu futuro, conforme o ensino do Cristo: “A cada um segundo suas obras”. Todo Espírito que ficar demorado em seu progresso somente de si mesmo pode queixar-se, do mesmo modo que aquele que se adiantar tem todo o mérito do seu procedimento. A felicidade que ele conquistou tem, por isso mesmo, mais valor aos seus olhos.

7. A vida normal do Espírito efetua-se no espaço, mas a encarnação opera-se num dos globos que povoam o Universo infinito. Ela é necessária ao seu duplo progresso, moral e intelectual. Ao progresso intelectual, por causa da atividade que ele é obrigado a desenvolver no trabalho. Ao progresso moral, por causa da necessidade que os homens têm uns dos outros. A vida social – lembra Delanne – é a pedra de toque das boas e das más qualidades.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

8. Uma questão intrigante, cuja explicação devemos à Doutrina Espírita, diz respeito à situação da criança na vida post mortem.

A morte de uma criança pode ser uma prova para os pais

9. Ensina o Espiritismo que, tal qual acontece com o Espírito de uma pessoa adulta, o Espírito de uma criança morta em tenra idade volta ao mundo dos Espíritos e assume sua condição precedente. Aliás, o Espírito de uma criança pode ser mais adiantado e bem mais experiente que o de um adulto, porquanto pode haver progredido em encarnações passadas.

10. A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de uma existência precedentemente interrompida antes da hora, e sua morte constitui, não raro, prova ou expiação para os pais.

11. O Espírito cuja existência se interrompeu no período da infância recomeçará uma nova existência, que ocorrerá na época que for julgada mais conveniente ao seu progresso. Se não tivesse ele oportunidade de reencarnar, ficaria estagnado, à margem do processo evolutivo, fato que não corresponderia à justiça de Deus. Com a possibilidade de nova encarnação, a possibilidade de progresso é real e igual para todos.

12. Com a experiência vivida pelo Espírito da criança morta em tenra idade, seus pais são também provados em sua compreensão acerca da vida ou, então, resgatam débitos contraídos no passado.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 199, 226, 227 e 230.)

Delanne Gabriel, O Fenômeno Espírita.

Denis Léon, Depois da Morte.

VI – SEXO NOS ESPÍRITOS

200. Têm sexos os Espíritos?

“Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos.”

201. Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?

“Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.”

202. Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?

“Isso pouco lhes importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar.”

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência.

Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens.

Crônicas e Artigos

170 – 08/08/2010

O Consolador – (Ricardo Baesso de Oliveira)

VI (Sexo nos Espíritos)

Sexo nos Espíritos: O pensamento de Kardec

Discute-se, em nosso movimento espírita, a respeito da sexualidade dos Espíritos desencarnados. Se eles mantêm a forma humana, então conservam o gênero masculino ou feminino? Há entre eles relação sexual? E se existe esse tipo de relação, podem reproduzir-se, no além?

Allan Kardec ocupou-se dessa temática e teve oportunidade de apresentar suas ideias de forma didática e esclarecedora. Sem desconsiderar opiniões de outros autores (encarnados ou desencarnados) valemo-nos, neste estudo, das ideias do mestre Kardec, Codificador da Doutrina Espírita.

Na resposta ao item 822-a de O Livro dos Espíritos, os Benfeitores grafaram o seguinte: Os sexos só existem na organização física, pois os Espíritos podem tomar um e outro, não havendo diferenças entre eles a esse respeito.

Anteriormente, nos itens 200 a 202 da obra citada eles haviam dito que os sexos dependem da constituição orgânica (item 200), que o Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher em uma nova existência, pois são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres (item 201) e que quando somos Espíritos preferimos encarnar num corpo de homem ou de mulher dependendo das provas que tivermos de sofrer (item 202).

Pelo dito, fica claro que os Espíritos não possuem polaridade sexual, gênero masculino/feminino, sendo, nesse particular, assexuados. Tal constatação, todavia, pode levantar o seguinte questionamento: como então, nas obras mediúnicas, ou nas sessões de intercâmbio com os desencarnados eles se apresentam com a forma masculina e feminina, até mesmo, enamorados uns dos outros ou eventualmente vivendo juntos na condição de esposos?

A excelente explicação vem pelo codificador, em ensaio publicado na Revista Espírita, janeiro de 1866, página 4: Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e exigências impostas pelo mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do invólucro material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos.

Importa considerar que as descrições do Mundo dos Espíritos que recebemos via mediúncia referem-se a regiões muito próximas da crosta terrestre, habitadas por Espíritos ainda muito materializados, segundo refere Kardec, no texto acima. Quase nenhuma referência possuímos da vida dos Espíritos em esferas superiores. (Uma referência breve vamos identificar em Nosso Lar, no capítulo “O sonho”, quando André Luiz, em corpo mental, visita sua mãe em uma esfera acima daquela onde se encontra a colônia citada descrita no livro.) Nas esferas próximas da crosta há absoluta prevalência de Espíritos de evolução primária, que, em sua maioria, nem se dão conta da desencarnação, nutrindo apetites e ansiando vivências similares às da Terra.

No Livro dos Médiuns, item 74, Kardec escreveu: Nos Espíritos inferiores (seu perispírito) aproxima-se da matéria e é isso que determina a persistência das ilusões da vida terrena nas entidades de baixa categoria, que pensam e agem como se ainda estivessem na vida física, tendo os mesmos desejos e quase poderíamos dizer a mesma sensualidade.

Isso poderia explicar os relatos mediúnicos sobre Espíritos atormentados pelas emoções sexuais, verdadeiros vampiros da sexualidade de encarnados imprevidentes. Impossibilitados de saciarem sua libido, se acoplam magneticamente a casais com os quais sintonizam, todos eles igualmente com a sexualidade destrambelhada, absorvendo as emanções psíquicas liberadas durante a relação sexual.

É curioso observarmos que Kardec, no ensaio citado anteriormente (Revista Espírita, janeiro de 1866) admite a hipótese de uma inversão da libido desencadeada pela reencarnação em um

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

corpo físico que não corresponde à psicologia do Espírito, que vinha vivenciando muitas existências em apenas uma polaridade sexual (masculina ou feminina). Tal ocorrência poderia explicar alguns casos da homossexualidade. Confira o texto original: Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Numa nova encarnação trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito. Mudando de sexo, poderá, então, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerente ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres. Mas afinal, os Espíritos desencarnados fazem sexo, ou seja, existem relações sexuais entre eles? As descrições do modo de vida na erraticidade se reportam a Espíritos dormindo, se alimentando, namorando – mas intercuro sexual ocorre ou não?

A resposta é não, segundo o pensamento de Allan Kardec.

Em duas oportunidades, ambas registradas na Revista Espírita, Kardec expõe suas ideias de maneira indiscutível.

Na Revista Espírita de junho de 1862, após dialogo instrutivo com uma entidade que pertencera à Sociedade Parisiense, Kardec escreve: Os sexos só são necessários para a reprodução dos corpos; porque os Espíritos não se reproduzem, o sexo lhes seria inútil.

Ainda na Revista Espírita, janeiro de 1866, Kardec volta ao tema com o mesmo posicionamento: As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isso mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria. Os sexos só existem no organismo. São necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Admite o codificador que há entre eles amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos (O Livro dos Espíritos, item 200).

E, finalmente, examinando o sofrimento advindo das paixões inferiores, Kardec reproduz em O Livro dos Espíritos o seguinte pensamento dos Benfeitores: Embora as paixões não existam materialmente, ainda persistem no pensamento dos Espíritos atrasados (item 972). Referindo-se à impossibilidade do intercuro sexual entre eles, comenta que esse tipo de paixão causa suplício no espírito devasso que vê as orgias de que não pode participar (item 972-a).

O tema é complexo e está aberto a novas contribuições. Esperamos ter colaborado para o debate, ao apresentar a linha de pensamento de Kardec.

Referência:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos.

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns

Kardec Allan, Revista Espírita, (1862.)

Kardec Allan, Revista Espírita, (1866.)

Especial

229 – 02/10/2011

O Consolador – (Gerson Simões Monteiro)

VI. Sexo nos Espíritos

A homossexualidade na visão Espírita

André Luiz no livro Ação e Reação

Dando prosseguimento ao desenvolvimento do tema, apresentaremos da obra Ação e Reação, psicografada pelo médium Chico Xavier, esclarecimentos formulados pelo Benfeitor Espiritual André Luiz no capítulo 15, que tem por título “Anotações Oportunas”. Nele, ele relata que Hilário, seu companheiro de estudos na espiritualidade, em certa oportunidade indagou do Assistente Silas sobre os problemas inquietantes da inversão sexual.

“Silas deu-se pressa em aclarar e disse: — Não será preciso alongar elucidações. Considerando-se que o sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do ser, é natural que o Espírito acentuadamente feminino se demore séculos e séculos nas linhas evolutivas da mulher, e que o Espírito marcadamente masculino se detenha por longo tempo nas experiências do homem. Contudo, em muitas ocasiões, prosseguiu Silas dizendo, quando o homem tiraniza a mulher, furtando-lhe os direitos e cometendo abusos, em nome de sua pretensa superioridade, desorganiza-se ele próprio a tal ponto que, inconsciente e desequilibrado, é conduzido pelos agentes da Lei Divina a renascimento doloroso, em corpo feminino, para que, no extremo desconforto íntimo, aprenda a venerar na mulher sua irmã e companheira, filha e mãe, diante de Deus, ocorrendo idêntica situação à mulher criminosa que, depois de arrastar o homem à devassidão e à delinquência, cria para si mesma terrível alienação mental para além do sepulcro, requisitando, quase sempre, a internação em corpo masculino, a fim de que, nas teias do infortúnio de sua emotividade, saiba edificar no seu ser o respeito que deve ao homem, perante o Senhor.

Nessa definição, porém, não incluímos os grandes corações e os belos caracteres que, em muitas circunstâncias, reencarnam em corpos que lhes não correspondem aos mais recônditos sentimentos, posição solicitada por eles próprios, no intuito de operarem com mais segurança e valor, não só o acrisolamento moral de si mesmos, como também a execução de tarefas especializadas, através de estágios perigosos de solidão, em favor do campo social terrestre que se lhes vale da renúncia construtiva para acelerar o passo no entendimento da vida e no progresso espiritual.”

André Luiz no livro Sexo e Destino

O Benfeitor Espiritual André Luiz também aborda na obra Sexo e Destino, psicografada por Chico Xavier, a questão da homossexualidade, no capítulo IX da segunda parte, ao participar de um encontro para estudos no Instituto de Renovação “Almas Irmãs”, dirigido pelo Instrutor Espiritual Félix, para Espíritos necessitados de reeducação sexual após a desencarnação.

Relata André Luiz que Félix, explanando sobre as ideias que diversos participantes aventavam, historiou, em síntese, que na Espiritualidade Superior o sexo não é considerado unicamente por baliza morfológica do corpo de carne, distinguindo macho e fêmea, definição unilateral que, na Terra, ainda se faz seguir de atitudes e exigências tirânicas, herdadas do comportamento animal.

Entre os Espíritos desencarnados, a partir daqueles de evolução mediana, o sexo é categorizado por atributo divino na individualidade humana, qual ocorre com a inteligência, com o sentimento, com o raciocínio e com faculdades outras, até agora menos aplicadas nas técnicas da experiência humana. Quanto mais se eleva a criatura, mais se capacita de que o uso do sexo demanda discernimento pelas responsabilidades que acarreta.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

Qualquer ligação sexual, instalada no campo emotivo, engendra sistemas de compensação vibratória, e o parceiro que lesa o outro, até o ponto em que suscitou os desastres morais consequentes, passa a responder por dívida justa.

Todo desmando sexual danificando consciências reclama corrigenda, tanto quanto qualquer abuso do raciocínio. Homem que abandone a companheira sem razão ou mulher que assim proceda, gerando desregramentos passionais na vítima, cria certo ônus cármico no próprio caminho, pois ninguém causa prejuízo a outrem sem embarçar a si mesmo.

Renovando conceitos

Félix vaticinou que a Terra, a pouco e pouco, renovará princípios e conceitos, diretriz e legislação, em matéria de sexo, sob a inspiração da Ciência, que situará o problema das relações sexuais no lugar que lhe é próprio.

Empenhou-se a repetir que na Crosta Planetária os temas sexuais são levados em conta na base dos sinais físicos que diferenciam o homem da mulher e vice-versa; no entanto, ponderou que isso não define a realidade integral, porquanto, regendo esses marcos, permanece um Espírito imortal, com idade às vezes multimilenária, encerrando consigo a soma de experiências complexas, o que obriga a própria Ciência terrena a proclamar, presentemente, que masculinidade e feminilidade totais são inexistentes na personalidade humana, do ponto de vista psicológico.

Homens e mulheres, em espírito, apresentam certa percentagem mais ou menos elevada de características viris e feminis em cada indivíduo, o que não assegura possibilidades de comportamento íntimo normal para todos, segundo a conceituação de normalidade que a maioria dos homens estabeleceu para o meio social.

Tendo Neves, um dos participantes da reunião, formulado consulta sobre os homossexuais, o Instrutor Félix demonstrou que inúmeros Espíritos reencarnam em condições inversivas, seja no domínio de lides expiatórias ou em obediência a tarefas específicas, que exigem duras disciplinas por parte daqueles que as solicitam ou que as aceitam.

Referiu ainda que homens e mulheres podem nascer homossexuais ou intersexos (um ser que possui órgãos dos dois sexos), como são suscetíveis de retomar o veículo físico na condição de mutilados ou inibidos em certos campos de manifestação, aditando que a alma reencarna, nessa ou naquela circunstância, para melhorar e aperfeiçoar-se e nunca sob a destinação do mal, o que nos constringe a reconhecer que os delitos, sejam quais sejam, em quaisquer posições, correm por nossa conta.

À vista disso, Félix destacou que nos foros da Justiça Divina, em todos os distritos da espiritualidade superior, as personalidades humanas tachadas por anormais são consideradas tão carecentes de proteção quanto as outras que desfrutam a existência garantidas pelas regalias da normalidade, segundo a opinião dos homens, observando-se que as faltas cometidas pelas pessoas de psiquismo julgado anormal são examinadas no mesmo critério aplicado às culpas de pessoas tidas por normais, notando-se, ainda, que em muitos casos os desatinos das pessoas supostas normais são consideravelmente agravados, por menos justificáveis perante acomodações e primazias que usufruem, no clima estável da maioria.

Orientação de Chico Xavier

No livro Kardec Prossegue, o médium mineiro, ao lhe ser perguntado se “O homossexual deve-se aceitar ou deve lutar contra as suas tendências?”, respondeu o seguinte:

“Já li, de um analista de mérito, que toda amizade e que toda ligação espiritual, do ponto de vista afetivo, é parcela de homossexualidade no homem e na mulher; mas, o homossexual não poderá deixar a natureza de que é portador de um momento para outro como se ele estivesse condenado a não trabalhar, a não servir, quando nós sabemos que há tanto enfermeiro, tanto professor, tanta

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

senhora digna que executam os deveres que lhe competem com muita eficiência e devotadamente.

Agora, o homossexual em si deve evitar a pederastia (relação sexual entre homens); a pederastia, sim, é um problema suscitado pela ânsia do homem de experimentar sensações, mas a homossexualidade está vinculada a um processo afetivo entre os homens e mulheres do planeta, de modo que é um estado natural em que as almas se afinam para fazer o bem.

Já a pederastia é muito diferente. Quando nós falamos homossexual, lembramo-nos logo de quadros infelizes, mas a verdade é que a homossexualidade está em toda pessoa que tem um amigo ou que tem deveres de fraternidade, de assistência para com o próximo.

A pederastia é que é o grande problema que devemos evitar e entender como sendo uma condição desnecessária e mesmo imprudente da parte de todos os homens.

E vamos dar ao assunto a cor que o assunto traz consigo: todo homem deve evitar a pederastia; toda mulher pode estar perfeitamente fora do lesbianismo (relação sexual entre mulheres), porque a nossa formação nos leva sempre para o caminho do que já fomos e às vezes nós viemos para não ser mais o que já fomos e sim para aprender a considerar o que devemos ser”.

Conclusão

Diante do que foi exposto nas Partes 1 e 2 deste artigo, apresentamos uma síntese do assunto abordado:

1. O Espírito não tem sexo.
2. O Espírito pode escolher encarnar num corpo de homem ou de mulher.
3. O sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do ser.
4. Abusos do homem para com a mulher, e vice-versa, provocam desequilíbrio e necessidade de encarnação na outra polaridade sexual, para valorização da condição masculina ou feminina.
5. Também existem inversões solicitadas por almas grandiosas para execução de tarefas específicas que exigem renúncia de si mesmo.
6. Na Espiritualidade Superior o sexo não é considerado unicamente por baliza morfológica do corpo de carne, distinguindo macho e fêmea.
7. Entre os Espíritos desencarnados, a partir daqueles de evolução mediana, o sexo é categorizado por atributo divino na individualidade humana.
8. O uso do sexo demanda discernimento pelas responsabilidades que acarreta.
9. Todo desmando sexual danificando consciências reclama corrigenda, tanto quanto qualquer abuso do raciocínio.
10. A realidade integral, regendo os marcos masculino e feminino, é do Espírito imortal, com idade às vezes multimilenária, encerrando consigo a soma de experiências complexas.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

11. Os Espíritos reencarnam em condições inversivas, seja no domínio de lides expiatórias ou em obediência a tarefas específicas, que exigem duras disciplinas por parte daqueles que as solicitam ou que as aceitam.

12. Todo homem deve evitar a pederastia; toda mulher pode estar perfeitamente fora do lesbianismo, porque a nossa formação nos leva sempre para o caminho do que já fomos e às vezes nós viemos para não ser mais o que já fomos e sim para aprender a considerar o que devemos ser.

VII – PARENTESCO, FILHAÇÃO

203. Transmitem os pais aos filhos uma parcela de suas almas, ou se limitam a lhes dar a vida animal a que, mais tarde, outra alma vem adicionar a vida moral?

“Dão-lhes apenas a vida animal, pois que a alma é indivisível. Um pai obtuso pode ter filhos inteligentes e vice-versa.”

204. Uma vez que temos tido muitas existências, a nossa parentela vai além da que a existência atual nos criou?

“Não pode ser de outra maneira. A sucessão das existências corporais estabelece entre os Espíritos ligações que remontam às vossas existências anteriores. Daí, muitas vezes, a simpatia que vem a existir entre vós e certos Espíritos que vos parecem estranhos.”

205. Para algumas pessoas a doutrina da reencarnação se afigura destruidora dos laços de família, com o fazê-los anteriores à existência atual.

“Ela os distende; não os destrói. Fundando-se o parentesco em afeições anteriores, menos precários são os laços existentes entre os membros de uma mesma família.

Essa doutrina amplia os deveres da fraternidade, porquanto, no vosso vizinho, ou no vosso servo, pode achar-se um Espírito a quem tendes estado presos pelos laços da consanguinidade.”

a) — Ela, no entanto, diminui a importância que alguns dão à genealogia, visto que qualquer pode ter tido por pai um Espírito que haja pertencido a outra raça, ou que haja vivido em condição muito diversa.

“É exato; mas essa importância assenta no orgulho.

Os títulos, a categoria social, a riqueza, eis o que esses tais veneram nos seus antepassados. Um, que coraria de contar, como ascendente, honrado sapateiro, orgulhar-se-ia de descender de um gentil-homem devasso. Digam, porém, o que disserem, ou façam o que fizerem, não obstarão a que as coisas sejam como são, que não foi consultando-lhes a vaidade que Deus formulou as leis da Natureza.”

206. Do fato de não haver filiação entre os Espíritos dos descendentes de qualquer família, seguir-se-á que o culto dos avoengos seja ridículo?

“De modo nenhum. Todo homem deve considerar-se ditoso por pertencer a uma família em que encarnaram Espíritos elevados. Se bem os Espíritos não procedam uns dos outros, nem por isso menos afeição consagram aos que lhes estão ligados pelos elos da família, dado que muitas vezes eles são atraídos para tal ou qual família pela simpatia, ou pelos laços que anteriormente se estabeleceram. Mas, ficai certos de que os vossos antepassados não se honram com o culto que lhes tributais por orgulho. Em vós não se refletem os méritos de que eles gozem, senão na medida dos esforços que empregais por seguir os bons exemplos que vos deram. Somente nestas condições lhes é grata e até mesmo útil a lembrança que deles guardais.”

Lei da Sociedade

1 – Tem o ser humano vocação natural para viver em sociedade?

Sim, pois é através dos relacionamentos que o Espírito encarnado tem a oportunidade de exercitar as virtudes já adquiridas e esforçar-se por desenvolver as que ainda não possui. Através da convivência é que surgem as diferenças e as dificuldades, oportunizando o aprendizado.

2 – Como se organizam os grupos e as sociedades?

Estão encarnados na Terra Espíritos em diferentes graus evolutivos, que têm o desafio da convivência harmoniosa, com vista ao progresso mútuo.

Assim, os grupos, as sociedades se formam por sintonia mental e interesses em comum.

Dessa forma, tanto para a realização do bem, como para o mal, reúnem-se Espíritos afins.

3 – Qual a importância da família na sociedade?

A família é a primeira escola, e grande é a sua importância para o Espírito que tem, junto aos familiares, a oportunidade de aprender a conviver, respeitando o seu semelhante.

Assim, têm os pais importante tarefa de educar os filhos no caminho do bem, exemplificando seus ensinamentos.

Somente com atenção e dedicação cumprem eles a tarefa de auxiliar os filhos a solidificar as virtudes eternas ensinadas por Jesus.

4 – O que são os laços corporais e os laços espirituais?

O parentesco entre os Espíritos pode ocorrer por meio de duas formas: pela consanguinidade, formando **laços de sangue**, que são os chamados de laços corporais; ou pelos **laços espirituais**, chamados também de laços de afeto.

Os verdadeiros laços de família se formam com base nos laços espirituais, que são os que refletem simpatia e comunhão de ideais entre os Espíritos.

Esses laços de afetividade perduram além da morte do corpo físico, dando origem às famílias espirituais.

A família é abençoada escola de educação moral

1. A vida familiar deve merecer a mais ampla atenção de todo homem integrado na unidade social denominada família. Esta palavra – família – pode ser compreendida num sentido mais restrito, em que se consideram apenas os familiares consanguíneos, como num sentido mais amplo, em que se levam em conta também os grupamentos de Espíritos afins, quer intelectualmente, quer moralmente.

2. A família é abençoada escola de educação moral e espiritual, oficina santificante onde se lapidam caracteres, laboratório superior em que se caldeiam sentimentos, estruturam-se aspirações, refinam-se ideias, transformam-se mazelas antigas em possibilidades preciosas para a elaboração de misteres edificantes.

3. A família é, pois, o mais prodigioso educandário do progresso humano. Sua importância não se mede apenas como uma fonte geratriz de seres racionais, mas como oficina de onde se projetam os homens de bem, os sábios, os benfeitores em geral.

4. A família é mais do que um resultante genético. São os ideais, os sonhos, os anelos, as lutas, as árduas tarefas, os sofrimentos e as aspirações, as tradições morais elevadas que se cimentam nos liames da concessão divina, no mesmo grupo doméstico onde medram as nobres expressões da elevação espiritual na Terra.

O corpo procede do corpo, mas a alma não procede da alma

5. Quando a família periclita, por essa ou aquela razão, sem dúvida a sociedade está a um passo do malogro.

A vida em família, para que atinja suas finalidades maiores, deve ser vivenciada dentro dos padrões de moralidade, compreensão e solidariedade, porque sua finalidade precípua consiste em estreitar os laços sociais, ensejando-nos o melhor modo de aprendermos a amar-nos como irmãos. Por isso, a vida em família é, talvez, de todas as associações, a mais importante em virtude da sua função educadora e regenerativa.

6. Existem duas espécies de família e, em consequência, duas categorias de laços de parentesco: as que procedem da consanguinidade e as que procedem das ligações espirituais.

7. Os laços do sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque este já existia antes da formação do corpo que o serve. Não é o pai que cria o Espírito de seu filho.

Ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, porém, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

8. Os que encarnam numa família, sobretudo como parentes próximos, são as mais das vezes Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena.

As famílias espirituais são duráveis e se perpetuam

9. Pode, contudo, acontecer sejam completamente estranhos uns aos outros os Espíritos que se encarnam numa mesma família, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores que se traduzem, na vida terrena, por mútuo antagonismo, que lhes serve de provação.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

10. É fácil entender que não são os da consanguinidade os verdadeiros laços de família, mas sim os da simpatia e da comunhão de pensamentos, os quais prendem os Espíritos antes, durante e depois de suas encarnações.

11. As famílias unidas por laços espirituais são duráveis, fortalecem-se pela purificação dos Espíritos, e se perpetuam no mundo espiritual, através das várias migrações da alma.

12. As famílias unidas apenas por laços corporais são frágeis como a matéria, extinguem-se com o tempo e, muitas vezes, se dissolvem moralmente já na atual existência.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (item 774.)

VIII – SEMELHANÇAS FÍSICAS E MORAIS

207. Frequentemente, os pais transmitem aos filhos a aparência física. Transmitirão também alguma aparência moral?

“Não, que diferentes são as almas ou Espíritos de uns e outros. O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade.”

a) — Onde se originam as aparências morais que costuma haver entre pais e filhos?

“É que uns e outros são Espíritos simpáticos, que reciprocamente se atraíram pela analogia dos pendores.”

208. Nenhuma influência exercem os Espíritos dos pais sobre o filho depois do nascimento deste?

“Ao contrário: bem grande influência exercem. Conforme já dissemos, os Espíritos têm que contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem, os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação.

Constitui-lhes isso uma tarefa. Tornar-se-ão culpados, se vierem a falir no seu desempenho.”

209. Por que é que de pais bons e virtuosos nascem filhos de natureza perversa? Por outra: por que é que as boas qualidades dos pais nem sempre atraem, por simpatia, um bom Espírito para lhes animar o filho?

“Não é raro que um mau Espírito peça lhe sejam dados bons pais, na esperança de que seus conselhos o encaminhem por melhor senda e muitas vezes Deus lhe concede o que deseja.”

210. Pelos seus pensamentos e preces podem os pais atrair para o corpo, em formação, do filho um bom Espírito, de preferência a um inferior?

“Não, mas podem melhorar o Espírito do filho que lhes nasceu e está confiado. Esse o dever deles. Os maus filhos são uma provação para os pais.”

211. Onde deriva a semelhança de caráter que muitas vezes existe entre dois irmãos, mormente se gêmeos?

“São Espíritos simpáticos que se aproximam por analogia de sentimentos e se sentem felizes por estar juntos.”

212. Há dois Espíritos, ou, por outra, duas almas, nas crianças cujos corpos nascem ligados, tendo comuns alguns órgãos?

“Sim, mas a semelhança entre elas é tal que faz vos pareçam, em muitos casos, uma só.”

213. Pois que nos gêmeos os Espíritos encarnam por simpatia, donde provém a aversão que às vezes se nota entre eles?

“Não é de regra que sejam simpáticos os Espíritos dos gêmeos. Acontece também que Espíritos maus entendam de lutar juntos no palco da vida.”

214. Que se deve pensar dessas histórias de crianças que lutam no seio materno?

“Lendas! Para significarem quão inveterado era o ódio que reciprocamente se votavam, figuram-no a se fazer sentir antes do nascimento delas. Em geral, não levais muito em conta as imagens poéticas.”

215. Que é o que dá origem ao caráter distintivo que se nota em cada povo?

“Também os Espíritos se grupam em famílias, formando-as pela analogia de seus pendores mais ou menos puros, conforme a elevação que tenham alcançado. Pois bem – um povo é uma grande família formada pela reunião de Espíritos simpáticos. Na tendência que apresentam os membros dessas famílias, para se unirem, é que está a origem da semelhança que, existindo entre os indivíduos, constitui o caráter distintivo de cada povo. Julgas que Espíritos bons e humanitários procurem, para nele encarnar, um povo rude e grosseiro? Não. Os Espíritos simpatizam com as

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

coletividades, como simpatizam com os indivíduos. Naquelas em cujo seio se encontrem, eles se acham no meio que lhes é próprio.”

216. Em suas novas existências conservará o Espírito traços do caráter moral de suas existências anteriores?

“Isso pode dar-se. Mas, melhorando-se, ele muda. Pode também acontecer que sua posição social venha a ser outra.

Se de senhor passa a escravo, inteiramente diversos serão os seus gostos e dificilmente o reconheceréis. Sendo o Espírito sempre o mesmo nas diversas encarnações, podem existir certas analogias entre as suas manifestações, se bem que modificadas pelos hábitos da posição que ocupe, até que um aperfeiçoamento notável lhe haja mudado completamente o caráter, porquanto, de orgulhoso e mau, pode tornar-se humilde e bondoso, se se arrependeu.”

217. E do caráter físico de suas existências pretéritas conserva o Espírito traços nas suas existências posteriores?

“O novo corpo que ele toma nenhuma relação tem com o que foi anteriormente destruído. Entretanto, o Espírito se reflete no corpo. Sem dúvida que este é unicamente matéria, porém, nada obstante, se modela pelas capacidades do Espírito, que lhe imprime certo cunho, sobretudo ao rosto, pelo que é verdadeiro dizer-se que os olhos são o espelho da alma, isto é, que o semblante do indivíduo lhe reflete de modo particular a alma. Assim é que uma pessoa excessivamente feia, quando nela habita um Espírito bom, criterioso, humanitário, tem qualquer coisa que agrada, ao passo que há rostos belíssimos que nenhuma impressão te causam, que até chegam a inspirar-te repulsão. Poderias supor que somente corpos bem moldados servem de envoltório aos mais perfeitos Espíritos, quando o certo é que todos os dias deparas com homens de bem, sob um exterior disforme. Sem que haja pronunciada parecença, a semelhança dos gostos e das inclinações pode, portanto, dar lugar ao que se chama ‘um ar de família’.”

Nenhuma relação essencial guardando o corpo que a alma toma numa encarnação com o de que se revestiu em encarnação anterior, visto que aquele lhe pode vir de procedência muito diversa da deste, fora absurdo pretender-se que, numa série de existências, haja uma semelhança que é inteiramente fortuita.

Todavia, as qualidades do Espírito frequentemente modificam os órgãos que lhe servem para as manifestações e lhe imprimem ao semblante físico e até ao conjunto de suas maneiras um cunho especial. É assim que, sob um envoltório corporal da mais humilde aparência, se pode deparar a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto sob um envoltório de aspecto senhoril se percebe frequentemente a da baixeza e da ignomínia. Não é pouco frequente observar-se que certas pessoas, elevando-se da mais ínfima posição, tomam sem esforços os hábitos e as maneiras da alta sociedade. Parece que elas aí vêm a achar-se de novo no seu elemento. Outras, contrariamente, apesar do nascimento e da educação, se mostram sempre deslocadas em tal meio. De que modo se há de explicar esse fato, senão como reflexo daquilo que o Espírito foi antes?

119. A sucessão de existências corpóreas estabelece entre os Espíritos liames que remontam às existências anteriores; é disso que decorrem, com frequência, as causas de simpatia entre nós e alguns Espíritos que nos parecem estranhos.

(L.E., 204)

120. A doutrina da reencarnação não destrói os laços de família. Ela os estende, ao mostrar-nos que os laços que unem os membros de uma mesma família, baseados em afeições anteriores, são menos precários.

(L.E., 205)

121. Os Espíritos são frequentemente atraídos a esta ou àquela família por causa de simpatia ou ligações anteriores.

(L.E., 206)

122. O Espírito do pai tem a missão de desenvolver a alma dos filhos pela educação: isso é para ele uma tarefa, e se nela falhar, será culpado.

(L.E., 208)

123. Um mau Espírito pode pedir bons pais, na esperança de que seus conselhos o dirijam por uma senda melhor, e muitas vezes Deus o atende.

(L.E., 209)

124. Os pais podem melhorar o Espírito da criança a que deram nascimento e que lhes foi confiada; esse é o seu dever. Filhos maus são uma prova para os pais.

(L.E., 210)

125. Com a morte, o corpo é destruído e o novo corpo não tem nenhuma relação com o antigo. Entretanto, o Espírito reencarnado se reflete no corpo, que é modelado pelas qualidades do Espírito, que lhe imprime um certo caráter, principalmente no semblante, sendo certo dizer que os olhos são como o espelho da alma. (L.E., 217)

126. É assim que, sob um envoltório mais humilde, pode encontrar-se a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto sob o hábito do grande senhor veem-se algumas vezes a da baixeza e da ignomínia. (L.E., 217)

127. Algumas faculdades intelectuais, com a mudança dos corpos, podem perder-se, desde que se tenha desonrado a faculdade, empregando-a mal. Uma faculdade, por exemplo o gosto pela música, pode também ficar adormecida durante uma existência, porque o Espírito queira exercer outra que não se relacione com ela. Nesse caso, ela permanece em estado latente, para reaparecer mais tarde.

(L.E., 220)

128. A doutrina espírita é tão antiga quanto o mundo; é por isso que a encontramos por toda a parte, e é esta uma prova de sua veracidade. O Espírito encarnado, conservando a intuição do seu estado de Espírito, tem a consciência instintiva do mundo invisível, mas quase sempre ela é falseada pelos preconceitos e pela ignorância.

(L.E., 221-A)

Referência:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos.

IX – IDEIAS INATAS

218. Encarnado, conserva o Espírito algum vestígio das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores?

“Guarda vaga lembrança, que lhe dá o que se chama ideias inatas.”

a) — Não é, então, quimérica a teoria das ideias inatas?

“Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não mais se perdem. Liberto da matéria, o Espírito sempre os tem presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente; porém, a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente. Em cada nova existência, o ponto de partida, para o Espírito, é o em que, na existência precedente, ele ficou.”

b) — Grande conexão deve então haver entre duas existências consecutivas?

“Nem sempre tão grande quanto talvez o suponhas, dado que bem diferentes são, muitas vezes, as posições do Espírito nas duas e que, no intervalo de uma a outra, pode ele ter progredido.” (ver 216)

219. Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc.?

“Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. Onde queres que venham tais conhecimentos? O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupagem.”

220. Pode o Espírito, mudando de corpo, perder algumas faculdades intelectuais, deixar de ter, por exemplo, o gosto das artes?

“Sim, desde que conspurcou a sua inteligência ou a utilizou mal. Depois, uma faculdade qualquer pode permanecer adormecida durante uma existência, por querer o Espírito exercitar outra, que nenhuma relação tem com aquela. Esta, então, fica em estado latente, para reaparecer mais tarde.”

221. Dever-se-ão atribuir a uma lembrança retrospectiva o sentimento instintivo que o homem, mesmo quando selvagem, possui da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?

“É uma lembrança que ele conserva do que sabia como Espírito antes de encarnar. Mas, o orgulho amiudadamente abafa esse sentimento.”

a) — Serão devidas a essa mesma lembrança certas crenças relativas à Doutrina Espírita, que se observam em todos os povos?

“Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo; tal o motivo por que em toda parte a encontramos, o que constitui prova de que é verdadeira. Conservando a intuição do seu estado de Espírito, o Espírito encarnado tem, instintivamente, consciência do mundo invisível, mas os preconceitos bastas vezes falseiam essa ideia e a ignorância lhe mistura a superstição.”

O Porquê da Vida (Léon Denis)

27. A imortalidade desenrola-se para cada um de nós na imensidade dos tempos e cada existência liga-se, pela frente e por detrás; a vidas distintas e diferentes, porém solidárias umas às outras, sendo o futuro a consequência do passado. (P. 30)

28. A lei superior do Universo é o progresso incessante, a ascensão dos seres até Deus, foco das formas mais rudimentares da vida. Por uma escala infinita, por meio de transformações inumeráveis, nos aproximamos do Criador. No íntimo de cada alma está depositado o germe de todas as faculdades, de todas as potências, competindo-nos o dever de fazê-las frutificar pelos nossos esforços e trabalhos. (P. 31)

29. A nossa obra é a do adiantamento e da felicidade futura. Cada globo que rola pelo espaço é um vasto laboratório onde a substância espiritual é incessantemente trabalhada. No meio das provações retemperam-se os grandes caracteres. A dor é a purificação suprema, a fornalha onde se fundem os elementos impuros que nos maculam. (PP. 31 e 32)

30. É ela a escola – única escola – onde se depuram as sensações, onde se aprendem a piedade e a resignação estoica. Enquanto os gozos sensuais, prendendo-nos à matéria, retardam a nossa elevação, o sacrifício e a abnegação nos liberam. (P. 32)

31. Cada conquista que o homem faça sobre suas paixões, cada passo que der para diante, fará alargar os seus horizontes e aumentar a sua esfera de ação, e para isso concorre a pluralidade das existências, lei que dá a chave de problemas até então insolúveis e explica a desigualdade das condições e a variedade infinita das aptidões e dos caracteres. (PP. 32 e 33)

32. Conhecemos ou teremos de conhecer sucessivamente todas as fases da vida terrestre. No passado, éramos como os selvagens que povoam as regiões atrasadas; no futuro, poderemos elevar-nos à altura dos gênios imortais que clareiam o caminho da Humanidade. A história da Humanidade é a nossa própria história. (P. 33)

33. A reencarnação mostra de um modo notável a soberana justiça reinando sobre os seres. Alternadamente construimos e quebramos os nossos próprios grilhões. As provas terríveis suportadas por certas pessoas são consequentes da sua conduta passada. O déspota renascerá como escravo; a mulher vaidosa habitará um corpo enfermo; o ocioso se tornará mercenário. (P. 33)

34. Quem tiver feito sofrer, sofrerá a seu turno. É inútil procurar o inferno em regiões longínquas, pois ele está em nós, oculta-se nos recessos de nossa alma culpada, e somente a expiação pode fazer cessar as suas dores. Não há penas eternas. (P. 33)

35. Alguns perguntam por que razão, se tivemos outras vidas, não nos recordamos delas? Como poderemos fazer a nossa expiação, desconhecendo a origem das faltas passadas? (P. 34)

36. Tais pessoas não sabem o que falam, porque a lembrança do passado seria antes um pesado fardo preso aos nossos pés. Ora, se há pouco saímos das épocas do furor e da bestialidade, qual poderia ter sido o passado de cada um de nós? (P. 34)

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

37. Deus fez bem ao apagar dos nossos cérebros a lembrança de um passado temível, porque, depois de beber as águas do Letes (1), renascemos para uma nova vida, o que seria impraticável se víssemos a todo momento os crimes cometidos. (P. 34)

38. Esse passado não está, contudo, inteiramente apagado e podemos até entrever-lhe alguns vestígios, expressos por nossos gostos, nossas tendências, nossas aspirações. As ideias inatas não são mais que a herança intelectual e moral que vêm das nossas vidas anteriores. (P. 35)

39. Sendo o alvo da vida o aperfeiçoamento intelectual e moral do ser, que condições, que meios nos convirão melhor para atingi-lo? Evidentemente, o homem pode trabalhar pelo seu aperfeiçoamento em qualquer condição e em qualquer meio social, mas será mais bem, sucedido sob certas e determinadas condições. (P. 36)

(1) Literalmente significa esquecimento.

35 – 16/12/2007

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho))

O que é o Espiritismo (Allan Kardec)

163. A alma não está localizada num ponto particular do corpo; ela forma com o perispírito um conjunto fluídico, penetrável, assimilando-se ao corpo inteiro, com o qual ela constitui um ser complexo, do qual a morte não é, de alguma sorte, mais que um desdobramento. Durante a vida, a alma age mais especialmente sobre os órgãos do pensamento e do sentimento, mas irradia exteriormente, podendo isolar-se do corpo, transportar-se ao longe e aí manifestar sua presença. (Cap. III, item 108, págs.194 e 195.)

164. O progresso anterior da alma – antes de sua união com o corpo – é simultaneamente demonstrado pela observação dos fatos e pelo ensino dos Espíritos. (Cap. III, item 111, pág. 196.)

165. As almas são criadas simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo. A princípio, encontram-se numa espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência. Pouco a pouco o livre-arbítrio se desenvolve. A desigualdade das almas em sua origem seria a negação da justiça de Deus. (Cap. III, itens 112 e 114, pág. 196.)

166. As almas mais adiantadas em inteligência e moralidade são as que têm vivido mais e alcançado maior progresso. (Cap. III, item 113, pág. 196.)

167. O ensino dos Espíritos e o estudo dos diferentes graus de adiantamento do homem provam que o progresso anterior da alma efetuou-se em uma série de existências corporais, mais ou menos numerosas. (Cap. III, item 115, pp. 196 e 197.)

168. No momento de nascer, o estado intelectual e moral do Espírito reencarnante é o que tinha antes da união ao corpo; mas, em razão da perturbação que acompanha a mudança de estado, suas ideias se acham momentaneamente em estado latente. (Cap. III, item 117, pág. 197.)

169. As ideias inatas são o resultado de conhecimentos adquiridos em existências anteriores, que se conservaram no estado de intuição, para servirem de base à aquisição de outras novas. (Cap. III, item 118, pág. 198.)

170. O homem de gênio é a encarnação de um Espírito adiantado que muito houvera já progredido. A educação pode fornecer a instrução que falta, mas não o gênio, quando este não exista. (Cap. III, item 119, pág. 198.)

171. A consciência é uma recordação intuitiva do progresso feito nas precedentes existências e das resoluções tomadas pelo Espírito antes de encarnar, resoluções que ele, muitas vezes, esquece como homem. (Cap. III, item 127, pág. 200.)

172. Deus não criou o mal. Ele estabeleceu leis e estas são sempre boas, porque Ele é soberanamente bom. Aquele que as observasse fielmente seria perfeitamente feliz, porém os Espíritos – no uso de seu livre-arbítrio – nem sempre as observam e é dessa infração que provém o mal.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo IV)

(Cap. III, item 129, pág. 201.)

173. A origem do mal na Terra está na imperfeição dos Espíritos que aqui se encarnam. Quanto à sua predominância, provém da inferioridade do planeta, cujos habitantes são, na maioria, Espíritos inferiores ou que pouco têm progredido.

(Cap. III, item 131, pág. 201.)

174. Nem sempre uma vida penosa é uma expiação; muitas vezes é prova escolhida pelo Espírito, que vê nela um meio de avançar mais rapidamente, conforme a coragem com que saiba suportá-la.

(Cap. III, item 134, pág. 203.)

175. A riqueza é também uma prova, mas muito mais perigosa que a miséria, pelas tentações que dá e pelos abusos que enseja. O exemplo dos que viveram na Terra demonstra ser ela uma prova em que a vitória é mais difícil.

(Cap. III, item 134, pág. 203.)

176. Os estudos espíritas acerca dos imbecis e dos idiotas provam que suas almas são tão inteligentes como as dos outros homens e que essa enfermidade é uma expiação infligida a Espíritos que abusaram da inteligência e sofrem cruelmente por se sentirem presos, em laços que não podem quebrar, e pelo desprezo de que se veem objeto, quando talvez tenham sido tão considerados em encarnação precedente.

(Cap. III, item 135, pág. 204.)

177. Durante o sono é só o corpo que repousa, mas o Espírito não dorme. Ele goza de toda a liberdade e da plenitude de suas faculdades; aproveita-se do repouso do corpo, dos momentos em que este lhe dispensa a presença, para agir separadamente e ir aonde quer. Durante a encarnação, o Espírito fica preso ao corpo por um cordão fluídico, que serve para chamá-lo, quando sua presença se torna necessária. Só a morte rompe esse laço.

(Cap. III, item 136, pág. 204.)